



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

EMANUELA MARIA POSSIDÔNIO DE SOUSA

**SATISFAÇÃO COM A VIDA, AFETOS POSITIVOS E NEGATIVOS: EVIDÊNCIAS
DE VALIDADE E PRECISÃO DE ESCALAS PROPOSTAS POR DIENER.**

FORTALEZA

2013

EMANUELA MARIA POSSIDÔNIO DE SOUSA

SATISFAÇÃO COM A VIDA, AFETOS POSITIVOS E NEGATIVOS: EVIDÊNCIAS DE
VALIDADE E PRECISÃO DE ESCALAS PROPOSTAS POR DIENER.

Monografia apresentada ao Curso de
Psicologia da Universidade Federal do Ceará
como requisito para aprovação na Disciplina
de Monografia em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Walberto Silva Santos

FORTALEZA

2013

EMANUELA MARIA POSSIDÔNIO DE SOUSA

SATISFAÇÃO COM A VIDA, AFETOS POSITIVOS E NEGATIVOS: EVIDÊNCIAS DE
VALIDADE E PRECISÃO DE ESCALAS PROPOSTAS POR DIENER.

Monografia apresentada ao Curso de
Psicologia da Universidade Federal do Ceará
como requisito para aprovação na Disciplina
de Monografia em Psicologia.

Aprovada em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Walberto Silva dos Santos (Orientador)
Universidade Federal do Ceará-UFC

Prof^a. Dra. Catarina Nívea Bezerra Menezes
Universidade de Fortaleza-UNIFOR

Prof. Ms. Francisco Bruno Costa Cepp
Universidade Federal do Ceará-UFC

À minha mãe, Aurilene, por ser minha fonte de entusiasmo e felicidade.

AGRADECIMENTOS

Após alguns meses de dedicação a este trabalho, é fundamental agradecer àqueles que direta ou indiretamente estiveram comigo e que me apoiaram para a realização desta monografia.

Primeiramente, agradeço a Deus, por ter me concedido a oportunidade de fazer parte desta Universidade e por ter colocado no meu caminho pessoas que me apoiam e incentivam a cada dia para que eu concretize os meus sonhos.

Ao Prof.º Dr. Walberto Santos, por ter me ensinado o caminho das pedras e pelo apoio e dedicação na realização deste, e de tantos outros trabalhos.

Aos professores da banca avaliadora, Profº Ms. Francisco Bruno Costa Cepp e Profª Dra. Catarina Nívea Bezerra Menezes, pela disponibilidade em avaliar esta monografia.

Aos meus companheiros de todos os dias do Laboratório Cearense de Psicometria (LACEP): Alex Grangeiro, Damião Soares, Guilherme Lopes, Hermírio Moraes, Leonardo Holanda, Marfisa Aguiar, Mariana Farias, Sarah Stella Bomfim e Thicianne Malheiros. Em especial, à Darlene Fernandes, pelo apoio concedido quando esta monografia ainda era apenas um projeto.

À minha mãe, Aurilene Possidônio, pelos ensinamentos diários, pela confiança no meu potencial, pelo amor incondicional e pelas palavras sábias nos momentos difíceis. Ao meu pai, Manoelito Franklin, por seu exemplo de simplicidade e dedicação, e que mesmo um pouco distante, sempre torce e ora por mim.

À minha grande família (avós, tios, primos), que sempre vibram com as minhas conquistas.

A D. Edimilda Benevides e S. Clarimundo Alves de Lima, por abrir as portas de sua casa para mim e por me ensinarem a cada dia, o significado do amor e da união.

Aos meus amigos e companheiros da graduação, Erlane Farias, Guilherme Sobreira, Samara Silveira e Sylvia Ulisses Pedrosa, por dividirem comigo as angústias, conquistas e responsabilidades deste curso.

E por fim, mas não menos importante, ao Jota (meu amigo e namorado), pela paciência em lidar com minha ausência em alguns momentos, pela parceria nas circunstâncias difíceis, pelo amor e companheirismo ao longo desses sete anos de namoro.

õA felicidade não se resume na ausência de problemas, mas sim na sua capacidade de lidar com eles.ö

(Albert Einstein)

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo conhecer evidências de validade e precisão da Escala de Satisfação com a Vida (ESV) e da Escala de Afetos Positivos e Negativos (EAPN). Especificamente, pretendeu-se verificar a qualidade psicométrica desses instrumentos, identificando suas estruturas fatoriais, observando seus índices de consistência interna, precisão teste reteste e sua validade convergente. Para isso, efetuaram-se dois estudos específicos: o *Estudo I*, que procurou realizar análises exploratórias e confirmatórias, comparando distintos modelos propostos na literatura, e avaliar a consistência interna das medidas; e o *Estudo II*, que buscou verificar a precisão teste reteste, além de verificar a validade convergente dos instrumentos supracitados. No *Estudo I*, participaram 287 pessoas da população geral da cidade de Fortaleza ó CE, a maioria do sexo feminino (55,1%), solteira (51,2%) e da religião católica (61,7%). No *Estudo II*, contou-se com uma amostra de 51 estudantes de idiomas estrangeiros da cidade de Fortaleza ó CE, a maioria do sexo masculino (56,0%), solteira (96,1%) e da religião católica (48,0%). Desse total, voltaram a participar no reteste, após, aproximadamente, 30 dias, 34 estudantes com idades variando entre 18 e 30 anos ($m = 22,5$; $dp = 3,14$), a maioria do sexo masculino (58,8%) e com ensino superior incompleto (76,5%). Os participantes responderam um livreto composto por seis partes: Questionário de Saúde Geral de Goldberg - QSG-12, Escala de Vitalidade, Escala de Afetos Positivos e Negativos, Escala de Satisfação com a Vida, Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade, além de perguntas sociobiodemográficas. Os resultados do primeiro estudo apoiaram a adequação psicométrica desses instrumentos, uma vez que as análises fatoriais exploratórias apontaram estrutura de um fator (Escala de Satisfação com a Vida) e de um ou dois fatores (Escala de Afetos Positivos e Negativos). Entretanto, para dirimir possíveis dúvidas acerca das estruturas encontradas, foram realizadas análises fatoriais confirmatórias, em que se observaram os modelos de um fator (ESV) e de dois fatores (EAPN) como os mais aceitáveis. No *Estudo II*, verificou-se a precisão teste reteste desses instrumentos, além da validade convergente; os resultados apontaram que ambas as medidas mostram-se como estáveis, e que apresentam correlações significativas com construtos correlatos. Esses resultados foram discutidos à luz da literatura e pesquisas futuras foram sugeridas.

Palavras-Chaves: Bem Estar Subjetivo. Medida. Validade. Precisão.

ABSTRACT

This study aimed to identify evidences of validity and reliability of the Satisfaction with Life Scale (SWLS) and of the Positive and Negative Affects Scale (PNAS). Specifically, we sought to examine the psychometric quality of these instruments, identifying their factor structures, assessing their internal consistency, as well as test-retest precision and convergent validity. For this, two studies were performed: Study I, which conducted exploratory and confirmatory factorial analyzes, comparing different models proposed in the literature and assessing their internal consistency; and Study II, which aimed to verify the test-retest precision and the convergent validity of the instruments. In Study I, 287 people from Fortaleza's general population was assessed, which majority were female (55.1%), single (51.2%) and Catholics (61.7%). In Study II, participated 51 students of foreign languages in Fortaleza - CE, most were male (56.0%), single (96.1%) and Catholics (48.0%). From this sample, the 30 days retest considered 34 students aged between 18 and 30 years ($m = 22.5$, $sd = 3.14$), mostly male (58.8%) and with incomplete higher education (76.5%). The participants answered a booklet composed by six parts: Goldberg's General Health Questionnaire, Vitality Scale, Positive and Negative Affects Scale, Satisfaction with Life Scale, Big Five Inventory and some demographic questions. The results of the first study support the psychometric adequacy of these instruments, since exploratory factor analysis indicated a one factor (Satisfaction with Life Scale) and one or two factors structures (Positive and Negative Affects Scale). However, to dissipate any doubts about these structures, confirmatory factor analyzes were performed, which the one factor (SWLS) and the two factors (PNAS) structures were found as the most acceptable. In Study II, a test-retest precision of these instruments was performed, as well as convergent validity; the results indicated that both measures have temporal stability and are significantly correlated with related constructs. These results were discussed considering the literature, future research were suggested.

Keywords: Subjective Well-being. Measurement. Validity. Reliability.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Caracterização da Amostra de Respondentes.	33
Tabela 2 - Poder discriminativo, correlação item-total e precisão dos itens da Escala de Satisfação com a Vida.	37
Tabela 3 - Análise paralela para os itens da Escala de Satisfação com a Vida.	39
Tabela 4 - Estrutura Componencial da Escala de Satisfação com a Vida (ESV).....	39
Tabela 5 - Poder discriminativo, correlação item-total e precisão dos itens da Escala de Afetos Positivos e Negativos (EAPN).....	41
Tabela 6 - Análise paralela para os itens da EAPN.	42
Tabela 7 - Correlação de Pearson entre indicadores de bem estar subjetivo.	52
Tabela 8 - Correlação de Pearson entre os componentes do bem estar subjetivo e o Inventário dos Cinco Grandes Fatores	53

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Representação Gráfica dos valores próprios para a ESV (Critério de Cattell).	38
Figura 2 - Estrutura Fatorial da Escala de Satisfação com a Vida.....	40
Figura 3 - Representação Gráfica dos valores próprios para a EAPN (Critério de Cattell).....	41
Figura 4 - Estrutura Fatorial da Escala de Afetos Positivos e Negativos.....	43

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 BEM ESTAR SUBJETIVO	19
2.1 Modelos Teóricos do Bem Estar Subjetivo	18
2.2 Conceito de Bem Estar Subjetivo	20
2.3 Medidas de Bem Estar Subjetivo	22
2.3.1 Escala de Satisfação com a Vida	24
2.3.2 Escala de Afetos Positivos e Negativos	26
2.4 Correlatos do Bem Estar Subjetivo	29
3 ESTUDO I ó BEM ESTAR SUBJETIVO: EXPLORANDO PARÂMETROS PSICOMÉTRICOS E CONFIRMANDO SUA ESTRUTURA	19
3.1 Método	33
3.1.1 Amostra	33
3.1.2 Instrumentos	34
3.1.3 Procedimento	34
3.1.4 Análise dos Dados	35
3.2 Resultados	36
3.2.1 Escala de Satisfação com a Vida (ESV)	36
3.2.2 Escala de Afetos Positivos e Negativos (EAPN)	40
3.3 Discussão	44
3.3.1 Escala de Satisfação com a Vida (ESV)	44
3.3.2 Escala de Afetos Positivos e Negativos (EAPN)	45
4 ESTUDO II ó MEDIDAS DE BEM ESTAR SUBJETIVO: PRECISÃO TESTE RETESTE E VALIDADE CONVERGENTE	30
4.1 Método	49
4.1.1 Amostra	49
4.1.2 Instrumentos	49
4.1.3 Procedimento	51
4.1.4 Análise dos Dados	51
4.2 Resultados	52
4.3 Discussão	54
5 DISCUSSÃO GERAL E CONCLUSÃO	50
REFERÊNCIAS	64
ANEXOS	59

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, tem-se observado um interesse significativo pelo bem estar subjetivo, tema que se insere na perspectiva da Psicologia Positiva, cujos interesses se voltam para aspectos positivos da vida, como felicidade, satisfação, afetos e contentamento. (ALBUQUERQUE *et al.*, 2006; BACON, 2005; DIENER *et al.*, 1999; GOUVEIA *et al.*, 2009). O bem estar subjetivo se refere, de maneira geral, à avaliação que os indivíduos fazem de suas vidas a partir de expectativas, valores e experiências prévias. (GOUVEIA *et al.*, 2009).

Como destacam Nunes, Hutz e Giacomoni (2009), o bem estar subjetivo se configura como um julgamento que tem por base parâmetros como a qualidade de vida e a satisfação experienciada no cotidiano, independente do contexto e das condições objetivas vivenciadas (saúde, sucesso, riqueza etc.). Em contraponto, Albuquerque e Tróccoli (2004) apontam que tais condições não devem fazer parte das descrições sobre o bem estar subjetivo, pois, ainda que sejam vistas como influenciadoras desse construto, não são consideradas como partes necessárias dele.

Neste campo, segundo alguns autores, o conceito de bem estar subjetivo envolve pelo menos dois componentes fundamentais: a cognição e o afeto. (ALBUQUERQUE; TRÓCCOLI, 2004; DIENER; OISHI; LUCAS, 2003; DUBÉ; JODOIN; KAIROUZ, 1998; GIACOMONI, 2004). O componente cognitivo se refere aos aspectos racionais e intelectuais, que incluem avaliações cognitivas das pessoas a respeito de suas vidas (nível de satisfação com a vida). Segundo Diener (1984), Emmons (1986), Albuquerque e Tróccoli (2004), pode-se dizer que a dimensão satisfação com a vida se caracteriza como um julgamento cognitivo, um processo de juízo e avaliação geral que a pessoa faz da própria vida, tendo em vista a comparação entre as circunstâncias de vida e o padrão definido por ela.

No que tange ao componente afetivo, este envolve os aspectos relacionados às emoções e ao humor, a saber, afetos positivos e negativos. (DIENER, 1984; SIQUEIRA; PADOVAM, 2008). Os afetos positivos são expressos por emoções prazerosas (por exemplo, felicidade e contentamento), ao passo que os afetos negativos são sentimentos ou emoções desagradáveis tais como: tristeza, ansiedade e medo. (FIQUER, 2006; GUEDEA *et al.* 2006). Em suma, entende-se que pessoas que relatam ter níveis elevados de satisfação com a vida e alta frequência de experiências positivas, tendem, conseqüentemente, a apresentar níveis altos de bem estar subjetivo. (DIENER, 2000).

Na atualidade, o estudo do bem estar subjetivo parece plenamente justificável pela relevância do conhecimento sobre as potencialidades do ser humano (PASSARELI; SILVA,

2007) e por esse construto se apresentar relacionado a uma série de importantes variáveis psicossociais. (DIENER, 1984). Desse modo, sabe-se que o bem estar subjetivo mostrar-se como: 1) bom indicador de benefícios relacionados à saúde (física e mental); 2) uma medida de avaliação de qualidade de vida e 3) um construto de relativa estabilidade. (DANNER; SNOWDON; FRIESEN, 2001; DIENER, 1984; EID; DIENER, 2004). Em síntese, entende-se que o conhecimento do bem estar subjetivo é de fundamental importância para a Psicologia, na medida em que possibilita complementar os estudos de indicadores objetivos (como índices econômicos, por exemplo), permitindo tanto uma melhor compreensão da qualidade de vida das populações, como possíveis intervenções em problemas sociais.

Pesquisas nessa direção têm observado a relação entre bem estar subjetivo e diversos construtos, como, por exemplo, personalidade (DIENER, 1984; DIENER *et al.*, 1999; RYAN; DECI, 2001; NUNES; HUTZ; GIACOMONI, 2009), saúde mental (COMPTON *et al.*, 1996; GIACOMONI, 2004), vitalidade (GOUVEIA *et al.*, 2012; RESENDE; GOUVEIA, 2011; RYAN; FREDERICK, 1997), estratégias de *coping* (CARDOSO, 2010; DIENER *et al.*, 1999; PAULA JÚNIOR; ZANINI, 2011; SILVA, 2009) e valores (ALBUQUERQUE *et al.*, 2006; CHAVES, 2003, 2007).

De fato, como aponta Diener (1984), um número considerável de pesquisas tem buscado examinar a influência da personalidade no bem estar subjetivo. Em estudo desenvolvido com 357 estudantes universitários do Rio Grande do Sul e da Bahia, Nunes, Hutz e Giacomoni (2009) mencionam essa associação, a partir do modelo dos cinco grandes fatores. De acordo com os resultados, amabilidade e afeto positivo apresentam uma correlação positiva e significativa ($r = 0,38; p \leq 0,01$), ou seja, pessoas que tendem a ser mais empáticas com as outras possuem níveis mais altos de afetos positivos. Por outro lado, o fator neuroticismo se correlacionou negativa e significativamente com a satisfação com a vida ($r = -0,56; p \leq 0,01$), indicando que pessoas com esse perfil tendem a apresentar uma avaliação mais negativa acerca de suas vidas.

Em sua revisão, Pavot e Diener (1993) verificaram que, em diversos estudos, os afetos positivos e negativos se mostraram significativamente ($p \leq 0,05$) correlacionados com a satisfação com a vida ($r = 0,44$ e $-0,48$, respectivamente). Sobre esse tema, Gouveia *et al.* (2009), em estudo desenvolvido com uma amostra de 2180 participantes, ressaltam que satisfação com a vida está correlacionada positivamente com os afetos positivos ($r = 0,62; p \leq 0,001$) e negativamente com afetos negativos ($r = -0,21; p \leq 0,001$). Ao longo dos anos, os

resultados dos estudos sobre o bem estar subjetivo têm se apresentado consistentes, sobretudo, quando se tem em conta o modelo apresentado por Diener e seus colaboradores (1985; 1985).

No campo da mensuração, alguns estudos aglutinam os diferentes componentes do bem estar subjetivo em uma única escala (ALBUQUERQUE; TRÓCCOLI, 2004; PAULA JÚNIOR; ZANINI, 2011; SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2010), enquanto outros avaliam componentes separados, por meio de diferentes técnicas, a exemplo das entrevistas e das medidas de autorrelato (*self reported*). (ALBUQUERQUE; TRÓCCOLI, 2004; GIACOMONI, 2004; HUTZ; GIACOMONI, 1997; LUCAS; DIENER; SUH, 1996; SIQUEIRA; MARTINS; MOURA, 1999). No Brasil, entre outras medidas, algumas publicações (BARDAGI; HUTZ, 2010; GIACOMONI, 2004; MATTA; BIZARRO; REPPOLD, 2009; NUNES; HUTZ; GIACOMONI, 2009; ZANON; HUTZ, 2010) mencionam a escala de Satisfação com a Vida de Diener e colaboradores (1985), contudo, nenhum dos estudos encontrados foi desenvolvido em contexto cearense. Do mesmo modo, a Escala de Afetos Positivos e Negativos de Diener e Emmons (1985), apesar de adaptada ao contexto paraibano por Chaves (2003), ainda não conta com pesquisas de validação específicas para outras cidades ou regiões do país.

Além das escalas propostas por Diener *et al.* (1985; 1985), no Brasil, ainda é possível encontrar outros instrumentos, sendo expressivamente empregadas com amostras de idosos, adultos, profissionais de saúde, policiais, estudantes universitários e outros grupos. (ALBUQUERQUE, SOUSA; MARTINS, 2010; ALBUQUERQUE; TRÓCCOLI, 2004; CHAVES, 2003; FIQUER, 2006; GUEDEA *et al.*, 2006; NUNES; HUTZ; GIACOMONI, 2009; OLIVEIRA *et al.*, 2009). Entretanto, sem deixar de reconhecer a importância desses instrumentos, no presente estudo, ter-se-ão em conta as Escalas de Afetos Positivos e Negativos e de Satisfação com a Vida propostas por Diener *et al.* (1985; 1985), escolha que se justifica, fundamentalmente, em função da relevância teórica do modelo e da inserção transcultural dessas escalas. (DIENER; DIENER, 1995; DIENER; DIENER; DIENER, 1995; OISH *et al.*, 1999; OISHI, 2006; PAVOT; DIENER, 1993; STAUDINGER; FLEESON; BALTES, 1999).

Em síntese, espera-se, com a efetivação dessa monografia, conhecer os parâmetros psicométricos (validade e precisão) dos instrumentos supracitados, buscando comprovar suas estruturas fatoriais, por meio de Modelagens por Equação Estrutural (*Structural Equation Modeling ó SEM*). Pretende-se ainda observar o poder discriminativo dos seus itens, sua precisão teste reteste e suas correlações com outras medidas (validade convergente). Para

tanto, estruturaram-se dois estudos: O primeiro (Estudo I) pretende explorar os parâmetros psicométricos e confirmar a estrutura fatorial das duas medidas de bem estar subjetivo; e o segundo (Estudo II) tem como propósito observar a precisão teste reteste e a validade convergente desses instrumentos. Contudo, antes de discorrer sobre o método, os resultados e as discussões acerca desses estudos, faz-se necessário expor, ainda que de forma resumida, o referencial teórico utilizado, apresentando o conceito de Bem Estar Subjetivo, alguns instrumentos de mensuração e os principais construtos correlatos.

2 BEM ESTAR SUBJETIVO

As pesquisas sobre bem estar subjetivo estão situadas dentro da perspectiva da Psicologia Positiva, cujos interesses são voltados para as potencialidades dos indivíduos, tais como forças, virtudes e satisfação. (APA, 2010; BACON, 2005; PALUDO; KOLLER, 2007; PASSARELI; SILVA, 2007; SELIGMAN; CSIKSZENTMIHALYI, 2000). Tal construto se configura como um julgamento que tem por base parâmetros como a qualidade de vida e a satisfação experienciada no cotidiano, independente do contexto e das condições objetivas vivenciadas pelos indivíduos (saúde, sucesso, riqueza, etc.). Para compreendê-lo, faz-se necessário observar como e porque as pessoas experienciam suas vidas de maneira positiva, incluindo julgamentos cognitivos e reações afetivas. (DIENER, 1984; NUNES; HUTZ; GIACOMONI, 2009).

Como já foi especificado, o componente cognitivo se refere aos aspectos racionais e intelectuais, que incluem as avaliações cognitivas das pessoas a respeito de suas vidas (nível de satisfação com a vida). No que diz respeito ao componente afetivo, esse envolve os aspectos relacionados às emoções e ao humor, a saber, afetos positivos e negativos. (DIENER, 1984; SIQUEIRA; PADOVAM, 2008). Os afetos positivos são expressos por emoções prazerosas (por exemplo, felicidade e contentamento), ao passo que os negativos são sentimentos ou emoções desagradáveis tais como: tristeza, ansiedade e medo. (FIQUER, 2006; GUEDEA *et al.* 2006).

Sabe-se que, inicialmente, os estudos acerca desse construto o avaliavam a partir de condições objetivas e/ou variáveis sociodemográficas (idade, sexo, estado civil, renda). No entanto, publicações recentes apontam a relação do bem estar subjetivo com variáveis ou condições internas (por exemplo, personalidade e estratégias de *coping*), buscando compreender como as experiências pessoais, os valores e as metas influenciam a felicidade e a satisfação com a vida. (CHAVES, 2003; DIENER *et al.*, 1999).

No campo de medida, autores como Albuquerque e Tróccoli (2004) e Diener, Oishi e Lucas (2003) mencionam o autorrelato como o instrumento mais adequado para se avaliar o bem estar subjetivo, tendo em vista que o próprio indivíduo julga a sua satisfação com relação à vida e relata a frequência de emoções afetivas recentes de prazer e desprazer. De fato, Larsen, Diener e Emmons (1985) ressaltam que tais medidas têm apresentado propriedades psicométricas adequadas, boa consistência interna, moderada estabilidade e sensibilidade, o que corrobora a relevância da utilização desse tipo de instrumentos, sobretudo, quando o pesquisador, além da observação do nível de bem estar das pessoas, pretende analisar a relação deste com outros construtos de interesse.

Em resumo, muitos são os construtos relacionados com o bem estar subjetivo e seus componentes. Na presente monografia, além dos objetivos supracitados, espera-se observar a relação do bem estar subjetivo com algumas variáveis específicas, a saber: saúde mental (COMPTON *et al.*, 1996; GIACOMONI, 2004), vitalidade (GOUVEIA *et al.*, 2012; RESENDE; GOUVEIA, 2011; RYAN; FREDERICK, 1997) e personalidade (DIENER, 1984; DIENER *et al.*, 1999; RYAN; DECI, 2001; NUNES; HUTZ; GIACOMONI, 2009).

2.1 Modelos Teóricos do Bem Estar Subjetivo

Os principais modelos teóricos do bem estar subjetivo são apresentados em duas perspectivas que diferem em termos de suas raízes filosóficas e suas implicações para a compreensão da natureza e dos seus determinantes, tais modelos são denominados *Bottom-up* e *Top-down*. (BRIEF *et al.*, 1993; DIENER, 1984; FEIST *et al.*, 1995; GIACOMONI, 2002, 2004; LU *et al.*, 1997). A perspectiva *Bottom-up* busca identificar como fatores externos (por exemplo, variáveis sociodemográficas) afetam a felicidade, ao passo que o modelo *Top-down* defende que as pessoas possuem uma predisposição interna para interpretar as situações da vida tanto de forma positiva, quanto negativa.

Tendo em vista a perspectiva *Bottom-up*, alguns pesquisadores têm observado a influência de variáveis externas nas pontuações do bem estar subjetivo. (FEIST *et al.*, 1995; FIQUER, 2006; ISAACOWITZ; SMITH, 2003; PEIRÓ, 2006; PINQUART; SÖRENSEN, 2000). Diener, Sandvik e Larsen (1985), por exemplo, verificaram a influência do sexo e da idade sobre os afetos positivos e negativos. Os resultados indicaram que as mulheres se diferenciam significativamente dos homens, e os adolescentes dos participantes de outras faixas etárias [$F(1, 229) = 21,15, p \leq 0,001$; $F(3,229) = 3,06, p \leq 0,05$, respectivamente]. Na mesma direção, Diener, Diener e Diener (1995) verificaram que renda e o componente do bem estar subjetivo, satisfação com a vida, apresentam-se significativamente correlacionados ($r = 0,61; p \leq 0,01$).

Sobre esse aspecto, Artech e Bandeira (2003) observaram o impacto de condições laborais nos índices de bem estar subjetivo de adolescentes. A pesquisa contou com uma amostra de 193 participantes, distribuídos em três grupos conforme a situação laboral: adolescentes trabalhadores em regime de trabalho educativo, adolescentes trabalhadores em regime regular e, por fim, adolescentes não trabalhadores. De acordo com esses autores, embora os adolescentes que trabalham em regime educativo tenham reportado maiores níveis de afetos positivos e negativos que os adolescentes não trabalhadores, as diferenças entre os

grupos não foram significativas [afeto positivo: $F(2, 190) = 0,82$; afeto negativo: $F(2, 190) = 0,94$]. Entretanto, no que se refere ao componente satisfação com a vida, os adolescentes que trabalham em regime educativo apresentaram média significativamente superior a dos outros dois grupos [$F(2, 190) = 5,25, p \leq 0,01$].

Em estudo recente, Guedea *et al.* (2006) analisaram a relação entre as estratégias de enfrentamento, apoio social, variáveis sociodemográficas (sexo, idade e escolaridade) e bem estar subjetivo em uma amostra de 123 idosos, residentes na cidade de João Pessoa-PB. Nessa amostra, a satisfação com a vida foi significativamente explicada por variáveis sociodemográficas [$R^2 = 0,12$; $F(5,115) = 3,03, p \leq 0,01$]. Contudo, não foi observada predição significativa no que se refere ao componente afetivo do bem estar subjetivo (afetos positivos e negativos).

Apesar da relevância de pesquisas acerca da perspectiva *Bottom-up*, diversos estudos demonstram que variáveis externas explicam pouco o bem estar subjetivo. (ARTECHE; BANDEIRA, 2003; DIENER, 1984; DIENER; OISHI; LUCAS, 2003; GIACOMONI, 2004; SILVA, 2009). Nesse âmbito, tem-se buscado observar como aspectos intrínsecos (personalidade, por exemplo) influenciam no bem estar subjetivo, ou seja, em que medida as estruturas internas das pessoas afetam na percepção de eventos externos. (CHAVES, 2003). Dessa forma, Brebner *et al.* (1995) desenvolveram um estudo a fim de verificar a relação entre medidas de felicidade e personalidade, utilizando uma amostra de 95 estudantes. Uma análise de regressão múltipla indicou que o construto felicidade foi explicado pelos fatores neuroticismo e extroversão ($\beta = 0,604$; $p \leq 0,001$; $\beta = 0,311$; $p \leq 0,001$, respectivamente). Além disso, pôde-se observar que, juntos, esses dois fatores explicaram 42% da variância, demonstrando serem preditores satisfatórios do bem estar subjetivo.

Stewart, Ebmeier e Deary (2005), por outro lado, observaram correlações significativas entre bem estar subjetivo e os fatores extroversão ($r = 0,52$; $p \leq 0,001$) e neuroticismo ($r = -0,57$; $p \leq 0,001$). No estudo de Steel, Schimidt, Shultz (2008) a personalidade se apresentou como um preditor importante do bem estar subjetivo. Nesse estudo, verificou-se a influência do neuroticismo na satisfação com a vida e nos afetos positivos e afetos negativos dos participantes ($\beta = -0,36, p \leq 0,05$; $\beta = -0,20, p \leq 0,05$; $\beta = 0,56, p \leq 0,05$, respectivamente) e da extroversão na satisfação com a vida e nos afetos positivos ($\beta = 0,13, p \leq 0,05$; $\beta = 0,30, p \leq 0,05$). Como pode ser visto, a personalidade tem se configurado como um dos preditores mais importantes do bem estar subjetivo.

Desse modo, parece razoável pensar que tanto variáveis externas quanto internas são, em alguma medida, determinantes do bem estar subjetivo. No entanto, na presente monografia, além de analisar os parâmetros psicométricos das medidas de bem estar subjetivo propostas por Diener, pretende-se observar a relação deste construto com variáveis internas (personalidade, saúde geral e vitalidade), uma vez que se configuram como alguns dos importantes preditores do bem estar subjetivo na atualidade. Entretanto, antes de discorrer acerca dos passos utilizados para atender os objetivos, cabe apresentar, ainda que de modo resumido, o conceito de bem estar subjetivo, especificando seus componentes, os principais instrumentos de mensuração e alguns dos correlatos desse construto.

2.2 Conceito de Bem Estar Subjetivo

O conceito de bem estar subjetivo faz referência às avaliações cognitivas e afetivas que as pessoas fazem sobre suas vidas. (DIENER, 1984; DIENER; DIENER; DIENER, 1995; GIACOMONI, 2004; LIMA; SALDANHA; OLIVEIRA, 2009; RESENDE; GOUVEIA, 2011). Como descrevem Siqueira e Padovam (2008), para se relatar um nível adequado de bem estar subjetivo é fundamental que o indivíduo reconheça alta frequência de experiências emocionais positivas, baixas frequências de experiências emocionais negativas, bem como nível elevado de satisfação com sua vida.

Nesse âmbito, o conceito reúne duas perspectivas filosóficas distintas: Perspectiva Hedônica, o bem estar é considerado como sinônimo de felicidade e de prazer; e Perspectiva Eudaimônica, o bem estar consiste no pleno funcionamento das potencialidades de uma pessoa. (SIQUEIRA; PADOVAM, 2008). De acordo com Ryan e Deci (2001), a Perspectiva Hedônica se refere ao bem estar como sinônimo de felicidade subjetiva, ou seja, avaliam-se as experiências de prazer e desprazer dos elementos bons/ruins da vida dos indivíduos. Por outro lado, a Perspectiva Eudaimônica se refere ao bem estar como distinto da felicidade em si, nesse caso, o bem estar só ocorre quando há uma congruência entre atitudes e atividades da vida de uma pessoa com seus valores morais. (FIQUER, 2006).

Embora as duas perspectivas apresentem relevância no estudo do bem estar subjetivo, tem-se observado que tal construto é mais bem conceituado como um fenômeno multidimensional, ou seja, incluindo aspectos das perspectivas hedônica e eudaimônica. (FONSECA; CHAVES; GOUVEIA, 2006; RYAN; DECI, 2001). Chaves (2003), por exemplo, ao estudar a relação entre valores humanos e bem estar subjetivo, comprovou a estrutura multidimensional de tal construto. Nessa pesquisa, utilizaram-se diferentes

indicadores de bem estar subjetivo, a saber: afetos positivos e negativos, ansiedade, depressão, satisfação com a vida e vitalidade, a fim de verificar em que medida esses se apresentavam relacionados. A partir dos resultados, pôde-se observar que todos os indicadores de bem estar subjetivo têm correlações significativas entre si ($p \leq 0,001$). O componente satisfação com a vida, por exemplo, se correlacionou positivamente com vitalidade ($r = 0,35$) e afetos positivos ($r = 0,62$), e o fez negativamente com afetos negativos ($r = - 0,51$), ansiedade ($r = - 0,35$) e depressão ($r = - 0,34$).

Em síntese, tem-se apontado que o bem estar subjetivo se refere às avaliações cognitivas das pessoas acerca de suas vidas (julgamentos relacionados à satisfação com a vida) e avaliações afetivas (relacionadas a emoções e a afetos). (CHA, 2003; DIENER, 1984; DUCKWORTH; STEEN; SELIGMAN, 2005). Dessa forma, pessoas relatam bem estar subjetivo quando estão satisfeitas com suas condições de vida e experienciam frequentemente emoções positivas em detrimento das negativas. Por outro lado, quando se dizem insatisfeitas, experimentam poucas emoções positivas e sentem emoções desagradáveis (por exemplo, raiva, tristeza), tendem a apresentar baixos níveis de bem estar subjetivo. (ALBUQUERQUE; TRÓCCOLI, 2004; DIENER, 2000; FIQUER, 2006).

Com base nessas definições, parece consensual entre os autores considerar ao menos três componentes fundamentais para o bem estar subjetivo: a satisfação com a vida e os afetos positivos e negativos. A satisfação se caracteriza como um julgamento cognitivo, um processo de juízo e avaliação geral que a pessoa faz da própria vida, tendo em vista a comparação entre as circunstâncias de vida e o padrão definido por ela. Já os afetos positivos são expressos por emoções prazerosas (por exemplo, felicidade e contentamento), ao passo que os negativos são sentimentos ou emoções desagradáveis tais como: tristeza, ansiedade e medo. (ALBUQUERQUE; SOUSA; MARTINS, 2010; DIENER, 1984; FIQUER, 2006; GUEDEA *et al.* 2006).

A partir do exposto, nessa monografia, pretende-se analisar duas medidas de bem estar subjetivo, especificamente, a Escala de Satisfação com a Vida (DIENER *et al.*, 1985) e a de Afetos Positivos e Negativos (DIENER; EMMONS, 1985), adaptada por Chaves (2003). No entanto, antes de apresentar informações mais precisas sobre essas medidas, faz-se necessária uma breve descrição dos diferentes instrumentos utilizados para avaliar tal construto.

2.3 Medidas de Bem Estar Subjetivo

Inicialmente, as pesquisas acerca do bem estar subjetivo se baseavam em estudos empíricos que utilizavam medidas de único item para avaliar a felicidade. No entanto, tais instrumentos não possuíam índices adequados de validade e precisão e, ao mesmo tempo, não cobriam todos os aspectos do bem estar. (DIENER, 2000; GIACOMONI, 2004). Tendo em vista essas dificuldades, medidas mais recentes são compostas por vários itens, a exemplo da Escala de Bem Estar Subjetivo (ALBUQUERQUE; TRÓCCOLI, 2004) e da Escala de Afetos Positivos e Negativos. (CHAVES, 2003; DIENER; EMMONS, 1985).

Autores como Albuquerque e Tróccoli (2004), Diener, Oishi e Lucas (2003) destacam que medidas de autorrelato são mais adequadas para se avaliar o bem estar subjetivo, uma vez que o próprio indivíduo julga a satisfação com relação a sua vida e relata a frequência de emoções afetivas recentes de prazer e desprazer. Por outro lado, embora represente uma das formas mais comuns de mensurar o construto, as escalas de autorrelato não são o único método para avaliá-lo. Nesse sentido, alguns pesquisadores ressaltam a utilização de instrumentos adicionais tais como relatos informativos, medidas de memória, entrevistas, medidas qualitativas e medidas biológicas (eletroencefalogramas e níveis de cortisol na saliva), sendo estas, no entanto, pouco utilizadas. (ALBUQUERQUE; TRÓCCOLI, 2004; DIENER, 2000; GIACOMONI, 2002; LARSEN; EID, 2008).

Nesse contexto, os autores destacam que entre as medidas de autorrelato mais utilizadas estão: a Escala de Afeto Positivo e Afeto Negativo (*Positive Affect/Negative Affect Scale* - PANAS), de Watson, Clark e Tellegen (1988), a *General Well-being Schedule* (GWS - FAZIO, 1977), e a Escala de Satisfação de Vida, de Diener *et al.* (1985). Ainda se apontam a Escala de Bem Estar Subjetivo (*Subjective Well Being Scale* - SWBS), de Lawrence e Liang (1988), o *Affectometer 2* (KAMMANN; FLETT, 1983) e a *Affect Balance Scale* (BRADBURN, 1969). No entanto, devido à impossibilidade de acesso aos estudos originais e a ausência de informações em publicações secundárias sobre estas últimas, as descrições a seguir deter-se-ão unicamente as três primeiras.

A PANAS (WATSON; CLARK; TELLEGEN, 1988) é composta por 20 itens que avaliam afetos positivos e negativos, sendo respondidos em uma escala de 5 pontos, com os seguintes extremos: 1 = Muito Pouco ou Nada e 5 = Extremamente. Ao responder o instrumento, o participante indica em que medida cada sentimento ou emoção expressa seu estado de humor. De acordo com Watson, Clark e Tellegen (1988), tal escala apresenta nível significativo de estabilidade ao longo do tempo, adequado índice de confiabilidade (alfa de

Cronbach 0,86 e 0,87, para afetos positivos e negativos, respectivamente) e correlações significativas com outros construtos, tais como ansiedade, depressão e estresse.

A *General Well-being Schedule* (GWS) (FAZIO, 1977) é um instrumento de autorrelato, composto por 33 itens que fornecem indicações sobre a presença, gravidade ou frequência de alguns aspectos importantes na avaliação de bem estar subjetivo (por exemplo, humor depressivo, ansiedade e controle emocional). Pontuações altas nessa medida indicam baixos níveis de bem estar subjetivo. Como descrito por Fazio (1977), a GWS apresenta correlações significativas com os construtos depressão ($r = 0,69$) e ansiedade ($r = 0,64$). Taylor *et al.*, (2003) mencionam uma versão reduzida da GWS (18 itens), que é respondida em uma escala de frequência ou intensidade. Para esses autores, a GWS permite produzir um indicador geral de bem estar, uma vez que apresenta alta consistência interna (alfa de *Cronbach* = 0,92) e significativa relação com medidas correlatas.

A Escala de Satisfação com a Vida (ESV) (DIENER *et al.*, 1985) tem o propósito de avaliar o julgamento que as pessoas fazem acerca do quanto estão satisfeitas com suas vidas. A ESV é composta por cinco itens que avaliam o componente cognitivo do bem estar subjetivo. Os participantes dão suas respostas em uma escala de 7 pontos, com os extremos 1 (Discordo Totalmente) e 7 (Concordo Totalmente). No estudo de validação desenvolvido no Brasil por Gouveia *et al.* (2009), os resultados indicaram que este instrumento apresenta propriedades psicométricas satisfatórias, na medida em que todos os itens possuem cargas fatoriais acima de |0,50|, bem como níveis adequados de consistência interna (alfa de *Cronbach*), variando, em diferentes amostras, entre 0,77 e 0,88.

Apesar da variedade de instrumentos para mensurar o construto bem estar subjetivo, Diener *et al.* (2010) ressaltam que algumas dessas escalas omitem sentimentos importantes que são valorizados em certas culturas. Por esse motivo, tais autores desenvolveram a Escala de Experiência Positiva e Negativa (*The Scale of Positive and Negative Experience - SPANE*), que, por ser uma medida recente, ainda não conta com um número significativo de publicações. A SPANE busca avaliar experiências positivas e negativas, sendo composta por 12 itens breves, respondidos em uma escala de 5 pontos (1 = Raramente ou Nunca e 5 = Muitas vezes ou Sempre). De acordo com os autores, tal escala tem se mostrado como um instrumento preciso (alfa de *Cronbach* = 0,87 e 0,81, para o componente positivo e negativo, respectivamente) e válido, apresentando relação significativa ($p \leq 0,001$) com o construto satisfação com a vida (componente positivo: $r = 0,58$; e $r = -0,46$: componente negativo).

Já em contexto brasileiro, Albuquerque e Tróccoli (2004) desenvolveram a Escala de Bem Estar Subjetivo (EBES), uma medida de autorrelato que avalia os três componentes do bem estar subjetivo. Tal instrumento é composto por três fatores, a saber: Afeto Positivo (21 itens, $\alpha = 0,95$), Afeto Negativo (26 itens, $\alpha = 0,95$) e Satisfação com a Vida (15 itens, $\alpha = 0,90$). Todos os itens são respondidos em escalas de cinco pontos. Naqueles que descrevem os afetos, o sujeito deve responder como tem se sentido ultimamente, mencionando na escala a intensidade de suas emoções ou sentimentos (1 = Nem um pouco e 5 = Extremamente); nos itens de satisfação com a vida, o respondente utiliza uma escala de concordância que varia entre discordo plenamente (1) e concordo plenamente (5). De acordo com os proponentes dessa medida, a EBES apresenta cargas fatoriais acima de $|0,30|$ e alfas de *Cronbach* iguais ou superiores a 0,90, sendo recomendado seu uso em amostras não psiquiátricas.

Apesar da relevância dos instrumentos supracitados, nos estudos sobre bem estar subjetivo duas escalas merecem destaque: a Escala de Satisfação com a Vida e a Escala de Afetos Positivos e Negativos. (Diener *et al.*, 1985; 1985). A primeira vem sendo amplamente utilizada em diversos países, ao passo que a segunda, apesar de não contar com um número significativo de publicações fora do Brasil, tem se destacado no contexto brasileiro. (ALBUQUERQUE; SOUSA; MARTINS, 2010; CHAVES, 2003; 2007; GOUVEIA *et al.* 2003; 2009). Com base nesses aspectos, sem deixar de reconhecer a importância dos demais instrumentos, e em função do objetivo do presente estudo, essas escalas serão consideradas de modo mais específico. Portanto, nos próximos subtópicos, apresentam-se descrições mais detalhadas sobre elas, considerando estudos desenvolvidos por diversos autores.

2.3.1 Escala de Satisfação com a Vida

A Escala de Satisfação com a Vida (ESV) foi desenvolvida por Diener *et al.* (1985) e tem como objetivo avaliar o componente cognitivo do bem estar subjetivo. Na fase inicial de construção da escala, foram listados 48 itens que consistiam em questões relacionadas com a satisfação com a vida; entretanto, alguns itens sobre afetos positivos e negativos foram incluídos. Ao realizar análises fatoriais, os autores apontam que tal instrumento apresentou três fatores (afetos positivos, afetos negativos e satisfação com a vida). Posteriormente, os itens que representavam os afetos, bem como os de satisfação, que apresentaram cargas fatoriais abaixo de $|0,60|$, foram eliminados do instrumento. Por causa da alta similaridade semântica, excluíram-se outros itens, resultando apenas em cinco para a

composição final da medida, cuja escala de resposta varia de 1 (Discordo Totalmente) a 7 (Concordo Totalmente).

A ESV tem se mostrado como um importante instrumento para se avaliar o componente cognitivo do bem estar subjetivo. Desse modo, a literatura contém referências sobre sua utilização em diferentes países, como Alemanha (GLAESMER *et al.*, 2011), Canadá (CHOW, 2005), China (BAI *et al.*, 2011), Espanha (ATIENZA *et al.*, 2000; LUCAS-CARRASCO; SALVADOR-CARULLA, 2012; NÚÑEZ; MARTÍN-ALBO; DOMÍNGUEZ, 2010), Estados Unidos (SCHIMMACK *et al.*, 2004), Groelândia (VITTERSØ; BISWAS-DIENER; DIENER, 2005), Inglaterra (SHEVLIN; BRUNSDEN; MILES 1998), Malásia (SWAMI; CHAMORRO-PREMUZIC, 2009), Noruega (CLENCH-AAS *et al.*, 2011; SAM, 2001), Portugal (NETO, 2001), Suécia (HULTELL; GUSTAVSSON, 2008), Taiwan (WU; YAO, 2006) e Turquia (DURAK; SENOL-DURAK; GENCOZ, 2010).

Em relação ao processo de validação da ESV, na Turquia, por exemplo, a escala foi validada com uma amostra de estudantes universitários, agentes penitenciários e idosos, sendo atestados índices de consistência interna (alfa de *Cronbach* = 0,81), validade convergente/discriminante e de construto nas três amostras. (DURAK; SENOL-DURAK; GENCOZ, 2010). Na China, as propriedades psicométricas da ESV foram avaliadas por Bai *et al.* (2011); os resultados indicaram, entre outros aspectos, adequado índice de consistência interna ($\alpha = 0,88$). Na Alemanha, um estudo longitudinal, realizado com 2519 participantes, concluiu que a ESV se configura como um instrumento preciso (alfa de *Cronbach* = 0,92), de estrutura unidimensional [$\chi^2(5) = 212,74, p \leq 0,001$; GFI = 0,97; CFI = 0,98] e com correlações ítem-totais acima de 0,50. (GLAESMER *et al.*, 2011).

No Brasil, as propriedades psicométricas da ESV foram checadas por Albuquerque, Sousa e Martins (2010), Chaves (2003) e Gouveia *et al.* (2009). Chaves (2003) ressalta que ao realizar uma análise de componentes principais, sem fixar o número de fatores, identificou-se um único fator com valor próprio (*eigenvalue*) de 2,67, explicando 53,2% da variância total, sendo o alfa de *Cronbach* para o conjunto de cinco itens igual a 0,72. Do mesmo modo, Gouveia *et al.* (2009), ao desenvolver estudo com uma amostra de 2180 participantes, atestaram a fidedignidade da ESV ($\alpha = 0,80$) e sua relação significativa ($p \leq 0,001$) com medidas que avaliam os afetos positivos ($r = 0,62$) e negativos ($r = -0,21$).

De fato, os estudos têm observado a estrutura unifatorial como a mais adequada para a ESV. (ALBUQUERQUE, SOUSA; MARTINS, 2010; ANABY; JARUS; ZUMBO, 2010; MARTINÉZ, *et al.*, 2004). Atienza *et al.* (2000), por exemplo, ao avaliar a ESV em

uma amostra de 697 estudantes, verificaram que no modelo unifatorial, que explicou 53,7% da variância, todos os itens apresentam cargas fatoriais superiores a $|0,60|$; em uma análise fatorial confirmatória, os índices de qualidade de ajuste foram considerados adequados [$\chi^2(5) = 14,12$, $p > 0,01$; $\chi^2/g1 = 2,82$; ECVI = 0,05; GFI = 0,98]. Na mesma direção, Neto (1993) ao desenvolver um estudo com 217 adolescentes, observou que a Escala de Satisfação com a Vida se mostrou como um instrumento unifatorial (*eigenvalue* superior a 1, explicando 53,3% da variância), com alfa de *Cronbach* = 0,78.

No que diz respeito à fidedignidade da ESV, os estudos também têm encontrado resultados congruentes. (DIENER; DIENER; DIENER, 1995; GOUVEIA *et al.*, 2009; NÚÑEZ; MARTÍN-ALBO DOMÍNGUEZ, 2010). Em geral, o coeficiente alfa de *Cronbach* da Escala de Satisfação com a Vida se apresenta entre 0,80 (DIENER *et al.*, 1985) e 0,96. (EID; DIENER, 2004). Nesse âmbito, Librán e Piera (2008), avaliando uma amostra de 450 estudantes universitários, encontraram um coeficiente alfa de *Cronbach* acima do ponto de corte estabelecido na literatura ($\alpha = 0,83$). Do mesmo modo, Hultell e Gustavsson (2008) ao realizarem uma pesquisa com 2900 estudantes suecos, observaram consistência interna ($\alpha = 0,88$), corroborando a precisão do instrumento.

Além disso, ainda se ressaltam os estudos que apontam a relação da Escala de Satisfação com a Vida com medidas de outros construtos (DURAK; SENOL-DURAK; GENCOZ, 2010; GOUVEIA *et al.*, 2009; SPAGNOLI; CAETANO; SILVA, 2012), entre os quais, incluem-se sentimentos de felicidade ($r = 0,46$), satisfação com o ambiente escolar ($r = 0,32$) e sentimentos de solidão ($r = - 0,31$). (ATIENZA *et al.*, 2000). Na mesma direção, Glaesmer *et al.* (2011), ainda mencionam a relação significativa ($p < 0,001$) entre satisfação com a vida e o suporte social ($r = 0,39$) e com a depressão ($r = - 0,44$).

Como pôde ser observado, a Escala de Satisfação com a Vida tem se mostrado como uma medida válida e precisa para a avaliação do componente cognitivo do bem estar subjetivo. Entretanto, vale destacar que apesar de alguns estudos terem sido desenvolvidos no Brasil (ALBUQUERQUE; SOUSA; MARTINS, 2010; CHAVES, 2003; GOUVEIA *et al.*, 2009), nenhuma pesquisa acerca das propriedades psicométricas desta medida foi realizada em contexto cearense, o que corrobora a relevância de estudos que utilizem amostras desse Estado.

2.3.2 Escala de Afetos Positivos e Negativos

A Escala de Afetos Positivos e Negativos (EAPN) foi originalmente composta por Diener e Emmons (1985), que selecionaram nove adjetivos para acessar a valência de afetos. Para os afetos positivos, consideraram-se os adjetivos alegre, feliz, satisfeito e divertido; ao passo que para os negativos, os autores selecionaram: deprimido, preocupado/ansioso, frustrado, irritado/hostil e infeliz. O instrumento tem como objetivo avaliar quanto o participante tem experienciado cada uma das emoções nos últimos dias, sendo seus itens respondidos em uma escala de sete pontos variando entre 1 = Nada e 7 = Extremamente.

Diferente da Escala de Satisfação com a Vida, não foi possível encontrar um número significativo de publicações que utilizam a EAPN em países distintos. Ao realizar uma pesquisa, tendo como base estudos realizados desde o ano de 1985, poucos são os artigos que mencionam tal medida, principalmente no que se refere às suas propriedades psicométricas. (EMMONS; DIENER, 1986; 1986; EMMONS; DIENER; LARSEN, 1986; RUSSELL; CARROLL, 1999; THOMAS; DIENER, 1990). No que tange a sua precisão, Diener e Emmons (1985) ressaltam que o coeficiente de precisão alfa de *Cronbach* se apresentou satisfatório ($\alpha = 0,83$, para os afetos positivos e $\alpha = 0,79$, para os negativos), o que indica a pertinência da utilização da EAPN para se avaliar o componente afetivo do bem estar subjetivo.

Em contexto brasileiro, Albuquerque, Sousa e Martins (2010), Chaves (2003; 2007) e Gouveia *et al.* (2003; 2009) desenvolveram trabalhos que testaram as propriedades psicométricas desse instrumento em diferentes amostras. Albuquerque, Sousa e Martins (2010), por exemplo, avaliaram os parâmetros psicométricos da EAPN utilizando para tanto uma amostra de 342 idosos residentes em ambiente rural do estado da Paraíba. Os resultados da análise fatorial exploratória indicaram que todos os itens apresentaram cargas fatoriais superiores à $|0,60|$, e que a referida escala é composta por dois fatores, a saber: afetos positivos, explicando 40,88% da variância; e afetos negativos que explicou 18,18%.

Na mesma direção, Chaves (2003) verificou a validade e a precisão da Escala de Afetos Positivos e Negativos em uma amostra de 306 pessoas da população geral da cidade de João Pessoa ó PB. Nesse estudo, a fim de equilibrar o número de itens para ambos os fatores da escala, foi acrescentado o adjetivo *ótomistaõ* para os afetos positivos. Além disso, observou-se por meio de uma análise de componentes principais com rotação oblimin, que a EAPN é, de fato, composta por dois fatores com *eigenvalue* igual a 4,28 (afetos positivos; alfa de *Cronbach* = 0,81) e 1,43 (afetos negativos; alfa de *Cronbach* = 0,78), explicando conjuntamente 57,1% da variância total.

A propósito da dimensionalidade da EAPN, como pôde ser observado, no Brasil tem-se encontrado uma estrutura bifatorial, entretanto, na literatura ainda não há consenso acerca da dimensionalidade dos afetos, uma vez que alguns estudos têm mencionado modelos compostos por um e dois fatores. (ALBUQUERQUE; SOUSA; MARTINS, 2010; DIENER, 2000; DIENER; EMMONS, 1985; GIACOMONI, 2002). Sobre esse aspecto, Diener (2000) menciona que os afetos positivos e negativos se configuram como dois fatores distintos, uma vez que frequentemente se apresentam correlacionados com diferentes variáveis. Acerca da fidedignidade dessa medida, cabe destacar que os resultados indicam que a EAPN se configura como um instrumento preciso para a avaliação do bem estar subjetivo. Gouveia *et al.* (2003), em estudo desenvolvido com 306 participantes da população geral da cidade de João Pessoa ó PB, observaram índices satisfatórios de consistência interna (alfa de *Cronbach*), tanto para os afetos positivos ($\alpha = 0,81$), quanto para os negativos ($\alpha = 0,78$), assim como apontado por Diener e Emmons (1985). Do mesmo modo, Chaves (2007), ao realizar estudo com 387 profissionais (148 músicos e 239 advogados), identificou que a Escala de Afetos Positivos e Negativos apresentou índices de consistência interna (alfa de *Cronbach*) satisfatórios (afetos positivos: $\alpha = 0,84$; afetos negativos: $\alpha = 0,71$).

Além da precisão, outros estudos ainda buscaram atestar a validade convergente da EAPN, considerando diferentes construtos. Emmons e Diener (1986), por exemplo, examinaram a contribuição da impulsividade e sociabilidade nos afetos em duas amostras de estudantes universitários. Pôde ser visto que o componente positivo da escala apresentou correlações significativas ($p \leq 0,01$) com sociabilidade ($r = 0,49$ e $r = 0,44$; considerando a primeira e a segunda amostra), ao passo que o negativo se mostrou relacionado com o construto impulsividade ($r = 0,30$, $p \leq 0,01$; $r = 0,44$; $p \leq 0,05$). Na mesma direção, Gouveia *et al.* (2009), mencionam que os afetos positivos e negativos se correlacionam significativamente ($p \leq 0,001$) com a satisfação com a vida ($r = 0,62$; $r = - 0,21$, respectivamente).

Como se observa, a Escala de Afetos Positivos e Negativos tem sido apontada em algumas publicações no Brasil, entretanto a maioria destas foi desenvolvida em contextos específicos (por exemplo, a cidade de João Pessoa). Por esse motivo, parece pertinente considerar a importância em se desenvolver estudos que avaliam as propriedades psicométricas de tal escala em contexto cearense. Entretanto, antes de discorrer acerca desse aspecto, faz-se necessário expor alguns dos principais correlatos do construto bem estar subjetivo.

2.4 Correlatos do Bem Estar Subjetivo

Estudos têm analisado a relação entre bem estar subjetivo e diversos construtos, como, por exemplo, personalidade (DIENER, 1984; NUNES; HUTZ; GIACOMONI, 2009; RYAN; DECI, 2001), saúde mental (COMPTON *et al.*, 1996; GIACOMONI, 2004), vitalidade (GOUVEIA *et al.*, 2012; RESENDE; GOUVEIA, 2011; RYAN; FREDERICK, 1997), estratégias de *coping* (CARDOSO, 2010; DIENER *et al.*, 1999; PAULA JÚNIOR; ZANINI, 2011), valores (ALBUQUERQUE *et al.*, 2006; CHAVES, 2003, 2007).

A personalidade, por exemplo, tem se apresentado como um forte e consistente correlato do bem estar subjetivo. (DIENER, 1984; DIENER *et al.*, 1999; FINCH *et al.*, 2012). Nesse âmbito, correlações entre esses construtos têm sido encontradas em diversos estudos. (BREBNER *et al.*, 1995; EID; DIENER, 1999; HASLAM; WHELAN; BASTIAN, 2009; LU; SHIH, 1997; LU *et al.*, 1997; STEWART; EBMEIER; DEARY, 2005; STEEL; SCHMIDT; SHULTZ, 2008).

Desse modo, Hayes e Joseph (2003) avaliaram a relação entre bem estar subjetivo e as dimensões dos *Big Five*. Os resultados apontaram correlações significativas ($p \leq 0,001$) entre satisfação com a vida e os fatores Conscienciosidade ($r = 0,38$), Extroversão ($r = 0,42$) e Neuroticismo ($r = -0,54$). Na mesma direção, Nunes, Hutz e Giacomoni (2009) desenvolveram um estudo a fim de observar as relações entre bem estar subjetivo e os fatores Extroversão, Socialização e Neuroticismo. Dentre os fatores de personalidade abordados em tal estudo, o fator neuroticismo apresentou correlações mais elevadas com dois componentes do bem estar, a saber: satisfação com a vida ($r = -0,49$; $p \leq 0,01$) e afetos negativos ($r = 0,44$; $p \leq 0,01$).

Diener *et al.*, (1985), apontam que a satisfação com a vida se correlaciona com afetos positivos ($r = 0,50$; $p \leq 0,05$) e negativos ($r = -0,37$; $p \leq 0,05$). Na mesma direção, Gouveia *et al.* (2009), observando as respostas de 2180 participantes de cinco amostras diferentes (universitários, estudantes do ensino médio, população geral, professores e médicos), constaram que a satisfação com a vida das pessoas está significativamente ($p \leq 0,001$) relacionada com os níveis de afetos positivos ($r = 0,62$) e negativos ($r = -0,21$) que elas apresentam. Segundo Chaves (2003), pontuações em medidas de ansiedade e depressão estão correlacionadas de forma significativa ($p \leq 0,001$) com a satisfação com a vida ($r = -0,35$ e $r = -0,34$) e com os afetos positivos (ansiedade: $r = -0,36$; depressão: $r = -0,36$) e negativos ($r = 0,44$ e $r = 0,36$, respectivamente). Como se constata, indicadores de bem estar subjetivo apresentam, de fato, convergência com avaliações de satisfação com a vida.

Nesse campo, outra variável importante tem sido a vitalidade. (CHAVES, 2003, 2007; GOUVEIA *et al.*, 2012; REIS *et al.*, 2000; RESENDE; GOUVEIA, 2011). Como descrevem Ryan e Frederick (1997) o conceito de vitalidade se refere a um estado organísmico de sentir-se vivo, alerta e com energia, sendo, portanto, um indicador de bem estar do indivíduo. Sob tal perspectiva, a vitalidade se encontra significativamente ($p \leq 0,001$) relacionada com a satisfação com a vida ($r = 0,35$), com os afetos positivos ($r = 0,47$), e com os afetos negativos ($r = -0,24$). (CHAVES; 2003). Na mesma direção, Gouveia *et al.* (2012) descrevem que a Escala de Vitalidade Subjetiva, proposta por Ryan e Frederick (1997), em contexto brasileiro, apresenta convergência ($r = 0,36$; $p \leq 0,001$) com a Escala de Satisfação com a Vida de Diener *et al.* (1985).

Estudando o componente afetivo do bem estar subjetivo (afetos positivos e negativos), Albuquerque *et al.* (2006) observaram a relação entre os afetos e os valores humanos em uma amostra de 609 estudantes universitários. Os afetos positivos se correlacionaram significativamente ($p \leq 0,001$) com os critérios pessoais ($r = 0,15$), centrais ($r = 0,18$) e sociais ($r = 0,32$) do modelo proposto por Gouveia *et al.* (2011). Não havendo correlação significativa entre os afetos negativos e os critérios valorativos acima mencionados. Na mesma direção, Fonseca, Chaves e Gouveia (2006) descrevem que a função psicossocial normativa apresentou correlação com os afetos positivos ($r = 0,17$; $p \leq 0,01$) e a função realização se correlacionou com os afetos negativos ($r = 0,17$; $p \leq 0,01$); nesse estudo os autores consideraram uma amostra de 313 professores do ensino fundamental.

No campo laboral, Oliveira *et al.* (2009) afirmam que os profissionais de saúde com maior renda são mais satisfeitos com suas vidas ($r = 0,23$; $p \leq 0,001$), ao passo que aqueles menos satisfeitos apresentam intenção de mudar de profissão ($r = -0,29$; $p \leq 0,001$). No que tange a satisfação com a vida, comparando os participantes da pesquisa ($n = 246$), médicos, enfermeiros e psicólogos, os autores observaram que estes não se diferenciam [$F(2, 244) = 2,33$, $p > 0,05$].

Em síntese, os estudos nesse campo tem corroborado a hipótese de convergência entre indicadores de bem estar subjetivo e medidas de construtos psicossociais importantes. Por esse motivo, além de pretender explorar os parâmetros psicométricos e confirmar a estrutura fatorial da Escala de Satisfação com a Vida e da Escala de Afetos Positivos e Negativos (*Estudo I*), espera-se analisar a validade convergente destas medidas (*Estudo II*) com outros indicadores de bem estar subjetivo (vitalidade, ansiedade e depressão), bem como com o Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade. (ANDRADE, 2008). Nesse

sentido, a seguir serão apresentadas as descrições dos dois estudos empíricos realizados, tendo em conta a metodologia empregada, os resultados encontrados e as discussões com base na literatura.

**3 ESTUDO I 6 BEM ESTAR SUBJETIVO: EXPLORANDO PARÂMETROS
PSICOMÉTRICOS E CONFIRMANDO SUA ESTRUTURA**

Esse estudo tem como propósito averiguar as propriedades psicométricas da Escala de Satisfação com a Vida (DIENER *et al.*, 1985) e da Escala de Afetos Positivos e Negativos (DIENER; EMMONS, 1985; CHAVES, 2003), no que se refere ao poder discriminativo dos itens, estrutura fatorial, consistência interna e adequação de modelos fatoriais, comparando-os e escolhendo aquele que melhor se ajusta aos dados. O detalhamento de suas especificidades pode ser contemplado no *Método* descrito a seguir.

3.1 Método

3.1.1 Amostra

Contou-se com a participação de 287 pessoas da população geral da cidade de Fortaleza ó CE, com idades entre 18 e 94 anos ($m = 40,8$; $dp = 22,67$), a maioria do sexo feminino (55,1%), solteira (51,2%) e da religião católica (61,7%). Os participantes se distribuíram entre os níveis de ensino fundamental (12,6%), médio (33,1%) e superior (53,6%). Esta amostra foi de conveniência (não-probabilística), participando aquelas pessoas que, ao serem convidadas, concordaram em colaborar com a pesquisa. Uma descrição mais detalhada acerca dos participantes pode ser observada na Tabela 1.

Tabela 1 - Caracterização da Amostra de Respondentes (n=287).

Variável	Níveis	f	%
Sexo	Masculino	128	44,6
	Feminino	158	55,1
	Não respondeu	1	0,3
Religião	Católica	177	61,7
	Evangélica	39	13,6
	Espírita	11	3,8
	Nenhuma	44	15,3
	Outra	16	5,6
Nível escolar	Fundamental Incompleto	28	9,8
	Fundamental Completo	8	2,8
	Médio Incompleto	19	6,6
	Médio Completo	76	26,5
	Superior Incompleto	108	37,6
	Superior Completo	46	16,0
	Não responderam	2	0,7
Estado Civil	Casado/convivente	91	31,7
	Solteiro	147	51,2
	Viúvo	28	9,8
	Separado/Divorciado	11	3,8
	Outro	6	2,1
	Não responderam	4	1,4

3.1.2 Instrumentos

Os participantes responderam a um livreto composto por cinco partes, entretanto, considerando os objetivos desse estudo, serão descritos apenas três delas, a saber:

Escala de Afetos Positivos e Negativos. (DIENER; EMMONS, 1985). Originalmente essa escala é formada por nove adjetivos, sendo 4 positivos e 5 negativos. Os afetos positivos são: feliz, alegre, satisfeito e divertido; e os negativos são: deprimido, preocupado, frustrado, raivoso e infeliz. O instrumento tem como objetivo avaliar quanto o participante tem experienciado cada uma das emoções nos últimos dias. No presente estudo, utilizou-se uma versão composta por 10 itens adaptada por Chaves (2003). Nesta pesquisa, com objetivo de equilibrar o número de adjetivos para os dois tipos de afetos, acrescentou-se o item *otimismo* aos afetos positivos. A escala de resposta apresenta sete pontos, variando entre **1** = Nada e **7** = Extremamente. (ANEXO I).

Escala de Satisfação com a Vida (ESV). (DIENER *et al.*, 1985). Como descrito anteriormente, essa medida tem o propósito de avaliar o julgamento que as pessoas fazem sobre o quanto estão satisfeitas com suas vidas. A ESV é composta por cinco itens (por exemplo, *Estou satisfeito com minha vida*; *As condições da minha vida são excelentes*), que avaliam o componente cognitivo do bem estar subjetivo. Os participantes dão suas respostas em uma escala de 7 pontos, com os extremos **1** (Discordo Totalmente) e **7** (Concordo Totalmente). (ANEXO II).

A última parte, denominada *Caracterização da Amostra*, consta de perguntas como sexo, escolaridade, religião, etc. Além de algumas questões referentes à participação em atividades que visem à saúde mental (por exemplo, psicoterapia), classe social, bairro, renda familiar, dentre outros. (ANEXO VI).

3.1.3 Procedimento

A coleta de dados foi realizada por um grupo de colaboradores treinados na padronização da aplicação e no esclarecimento das dúvidas. As pessoas foram abordadas em ruas, praças, *shoppings*, dentre outros espaços públicos e convidadas a participar da pesquisa. Aquelas que concordavam, eram solicitadas a responder o questionário individualmente, sendo informadas de que a colaboração seria voluntária e anônima. Indicou-se que não haveria resposta certa ou errada, que a participação não traria qualquer ônus ou prejuízo e que os dados seriam tratados no seu conjunto, assegurando o anonimato. Na ocasião, foi esclarecido que antes de responder e devolver o questionário, o participante deveria assinar o

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO VII), concordando em participar do estudo e autorizando a utilização dos dados com o fim de pesquisa e eventuais publicações. Em média, 15 minutos foram suficientes para a conclusão do questionário.

3.1.4 Análise dos Dados

As análises foram efetuadas por meio dos *softwares* SPSS (versão 19) e AMOS 20. Além das estatísticas descritivas (tendência central e dispersão), realizaram-se, inicialmente: um Teste *t* de Student, para avaliar o poder discriminativo dos itens; e correlações item-total corrigidas, para verificar a homogeneidade dos itens. Em seguida, verificou-se a adequação da matriz de dados correspondente com o fim de se realizar uma análise fatorial exploratória, considerando o Kaiser-Meyer-Olkin (KMO), que precisa ser de pelo menos 0,60 para suportar este tipo de análise, e o Teste de Esfericidade de Bartlett, cujo valor do qui-quadrado deve ser estatisticamente significativo. (TABACHNICK; FIDELL, 2007). Para conhecer a estrutura fatorial do conjunto de itens, foi realizada uma análise de Componentes Principais. Salienta-se que, para conhecer o possível número de fatores a ser retido, foram considerados os critérios de Kaiser, Cattell e Horn (Análise Paralela). Além disso, a fim de conhecer a precisão dos instrumentos, efetuou-se o cálculo do alfa de Cronbach.

Com o *software* AMOS 20 realizaram-se análises fatoriais confirmatórias, tomando-se em conta a matriz de covariância e, adotando o estimador *ML* (*Maximum Likelihood*). Essas análises oferecem vários indicadores de ajuste do modelo teórico aos dados empíricos, sendo aqui considerados os seguintes (TABACHNICK; FIDELL, 2007):

(1) Razão $\chi^2 / \text{g.l.}$ (qui-quadrado / graus de liberdade), sendo recomendáveis valores entre 2 e 3, porém admitindo-se até 5 como indicativo de um ajustamento adequado;

(2) *Goodness-of-Fit Index* (GFI) e *Adjusted Goodness-of-Fit Index* (AGFI), cujos valores variam de 0 a 1, com aqueles próximos a 0,90 indicando um ajustamento satisfatório;

(3) *Comparative Fit Index* (CFI) é um índice comparativo, adicional, de ajuste ao modelo, valores mais próximos de 1 indicando melhor ajuste, com 0,90 sendo a referência para aceitar o modelo;

(4) *Root-Mean-Square Error of Approximation* (RMSEA), que se baseia nos residuais, sendo melhor quanto mais próximo este índice for de zero (melhor o ajuste do modelo hipotético aos dados); admitem-se valores de até 0,10, porém tem-se geralmente em conta o ponto de corte de 0,08; e

(5) o *Consistent Akaike information Criterion* (CAIC) e o *Expected Cross Validation Index* (ECVI), os quais são indicadores geralmente empregados para avaliar a adequação de um modelo em relação a outro. Valores baixos do ECVI e CAIC sugerem um modelo mais adequado.

Finalmente, foi analisada a diferença entre os qui-quadrados e seus respectivos graus de liberdade [$\Delta\chi^2(\text{gl})$], procedimento que serve para decidir entre os modelos qual o mais parcimonioso e, portanto, mais ajustado.

3.2 Resultados

Inicialmente, buscou-se observar o poder discriminativo e homogeneidade dos itens de cada um dos instrumentos (Escala de Satisfação com a Vida e Escala de Afetos Positivos e Negativos). O poder discriminativo dos itens foi estabelecido por meio de grupos critérios internos, considerando os participantes cujas pontuações totais se localizaram abaixo e acima da mediana empírica da Escala de Satisfação com a Vida ($md = 5,00$) e de Afetos Positivos e Negativos ($md = 3,70$), chamando-os, respectivamente, de grupo critério inferior e superior. Mediante o uso do teste *t*, foram comparadas as médias dos dois grupos para cada item dos dois instrumentos, com o objetivo de verificar em que medida eles conseguem diferenciar os respondentes com pontuações próximas. Em seguida, efetuaram-se cálculos das correlações item-total corrigidas e, finalmente, do alfa de *Cronbach* do conjunto total, observando seus valores em função de exclusão de itens com baixa homogeneidade. Finalmente, para atender aos objetivos propostos, efetivaram-se análises de componentes principais, análises paralelas e análises fatoriais confirmatórias para ambas as escalas. A fim de sistematizar a apresentação, os resultados serão apresentados separadamente para cada um dos instrumentos, iniciando pela Escala de Satisfação com a Vida.

3.2.1 Escala de Satisfação com a Vida (ESV)

Tendo em conta a ESV, todos os itens diferenciam significativamente ($p \leq 0,001$) os grupos critérios. Quanto à homogeneidade, as correlações (r_{it}) variaram entre 0,58 (*Se eu pudesse viver uma segunda vez, não mudaria quase nada na minha vida*) e 0,73 (*Estou satisfeito (a) com minha vida*). Como se pode observar, nenhum item da escala ficou abaixo do limite aceitável (0,30; FIELD, 2009). Quanto à consistência interna para o conjunto total de itens, tem-se que o alfa de *Cronbach* foi de 0,84, valor que cumpre o ponto de corte

estabelecido na literatura (0,70; MAROCO; GARCIA-MARQUES, 2006; PASQUALI, 2010). Os resultados de tais análises podem ser observados na Tabela 2.

Tabela 2 - Poder discriminativo, correlação item-total e precisão dos itens da Escala de Satisfação com a Vida.

Item	Grupo Inferior		Grupo Superior		<i>t</i>	<i>r</i> _{it}	Precisão do item
	<i>m</i>	<i>dp</i>	<i>m</i>	<i>dp</i>			
ESV (= 0,84)							
01	3,65	1,51	5,83	1,00	14,00*	0,70	0,79
02	3,48	1,32	5,80	0,92	16,76*	0,67	0,80
03	3,95	1,37	6,11	0,90	15,39*	0,73	0,79
04	4,69	1,49	6,16	0,73	10,46*	0,60	0,82
05	2,72	1,61	5,73	1,28	16,94*	0,58	0,84

Notas: ESV = Escala de Satisfação com a Vida; * *p* < 0,001; *r*_{it} = Correlação item-total corrigida.

Após essas análises, procurou-se conhecer as possíveis estruturas fatorais para a Escala de Satisfação com a Vida. No entanto, antes de prosseguir com as análises de componentes principais, verificou-se a fatorabilidade da matriz, pois caso os itens (variáveis) não apresentem variância em comum, a análise fatorial não é possível. Neste estudo, a fatorabilidade da matriz de dados foi confirmada por meio do *KMO* = 0,85 e do *Teste de Esfericidade de Bartlett*, $\chi^2(10) = 573,15$; *p* < 0,001. (TABACHNICK; FIDEL, 2007).

Uma vez que os resultados são favoráveis à realização da análise de componentes principais, torna-se imprescindível estabelecer quantos possíveis fatores se podem extrair da matriz de dados, sobretudo, porque a sub ou superextração de componentes poderá interferir em análises posteriores. (FAVA; VELICER, 1996). Para a identificação deste número, diferentes critérios podem ser utilizados. Como apresenta Laros e Puente-Palacios (2004), pesquisas com dados simulados mostram que o critério do *eigenvalue* maior do que 1,0, de Guttman-Kaiser (GUTTMAN, 1954; KAISER, 1960) é adequado em 22% dos casos; o critério baseado no teste qui-quadrado, de Bartlett (1950) 30%; o critério baseado no teste *scree*, de Cattell (1966) em 57%; o de Velicer (1976), baseado nas correlações parciais em 84% dos casos; e a Análise Paralela, de Horn (1965), em 92% dos casos. Neste estudo, foram considerados três destes critérios para se avaliar as duas escalas: o de Kaiser, Cattell e o de Horn.

Para averiguar o número de fatores a extrair com base no que propõe Kaiser, inicialmente foi efetuada uma análise de componentes principais, sem fixar número de fatores a extrair e tipo de rotação. Nesta análise, foi possível encontrar apenas 1 componente que atendeu ao critério de valor próprio (*eigenvalue*) igual ou superior a 1, explicando 62,64% da

variância total. Como mencionado, adicionalmente decidiu-se ter em conta outros dois critérios mais robustos (HAYTON; ALLEN; SCARPELLO, 2004): a distribuição gráfica dos valores próprios (Cattell) e a geração aleatória de tais valores de Horn (Análise Paralela). O critério de Cattell (1966) é uma figura que ilustra como a variabilidade dos dados está distribuída entre os eixos de ordenação, quando ponto que se localiza antes do gráfico começar a ficar horizontal é o indicativo do número máximo de fatores a serem extraídos. (HAIR JR. *et al.*, 2009). Em função desse critério, a partir com a visualização do *scree plot* (Figura 1), foi identificado apenas um fator para a Escala de Satisfação com a Vida.

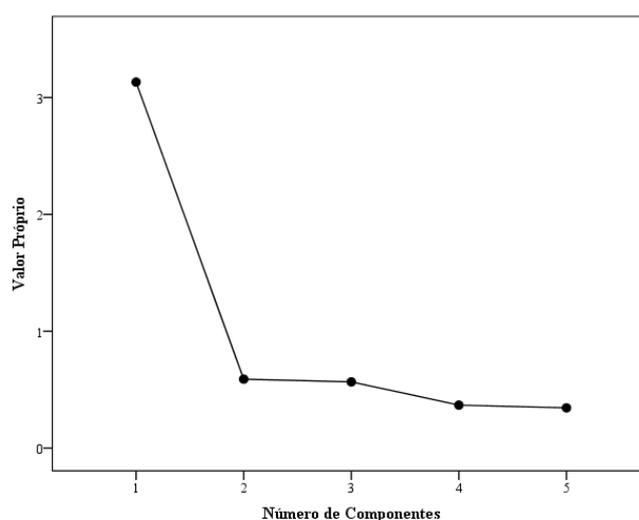


Figura 1 - Representação Gráfica dos valores próprios para a ESV (Critério de Cattell).

No que se refere à análise paralela, esta contrasta os *eigenvalues* (valores próprios) gerados pela matriz de componentes (observados) com aqueles gerados aleatoriamente (simulados), em função do tamanho da amostra e do número de itens do instrumento. (HORN, 1965). Reise, Waller e Comrey (2000), consideram que é pertinente reter um fator na medida em que este explica maior variância do que o fator correspondente nos dados aleatórios. Para realizar a análise paralela, neste estudo, assumiram-se os parâmetros do banco de dados original (287 participantes e 5 variáveis/itens) com 100 simulações. Cada valor observado maior que o valor médio resultante das matrizes aleatórias corrobora a existência do fator. Uma descrição dessa análise pode ser observada na Tabela 3.

Tabela 3 - Análise paralela para os itens da ESV (n=287).

Valores observados	Valores simulados	Percentis
3,13	1,16	1,23
0,59	1,07	1,12
0,57	1,00	1,03
0,37	0,92	0,96
0,34	0,85	0,91

Conforme a Tabela 3, parece pertinente extrair apenas um componente para o conjunto dos 5 itens da Escala de Satisfação com a Vida. Em função disso, procedeu-se a uma análise de Componentes Principais sem rotação, fixando a extração de um fator. Tais resultados são apresentados na tabela abaixo.

Tabela 4 - Estrutura Componencial da Escala de Satisfação com a Vida (ESV)

Conteúdo dos Itens	Componente	h ²
01. Na maioria dos aspectos, minha vida é próxima ao meu ideal.	0,83*	0,69
02. As condições da minha vida são excelentes.	0,80*	0,64
03. Estou satisfeito (a) com minha vida.	0,84*	0,71
04. Dentro do possível, tenho conseguido as coisas importantes que quero na vida.	0,74*	0,55
05. Se pudesse viver uma segunda vez, não mudaria quase nada na minha vida.	0,72*	0,53
Número de Itens	05	
Valor próprio	3,13	
% Variância Total explicada	62,64	
Alfa de <i>Cronbach</i>	0,84	

Nota: * carga fatorial considerada satisfatória |0,30|.

Como se verifica, a estrutura unifatorial dessa medida parece coerente; todos os itens apresentaram saturações dentro do que foi estabelecido como satisfatório, isto é, carga fatorial igual ou superior a |0,30|. Este fator apresentou valor próprio de 3,13 e explicou 62,64% da variância total, sendo sua consistência interna (alfa de *Cronbach*) de 0,84.

Além disso, para atender aos objetivos do presente estudo, como antes especificado, verificou-se ainda a adequação do modelo unifatorial da ESV. Para tanto, realizou-se uma análise fatorial confirmatória testando a estrutura encontrada por meio das análises exploratórias. De acordo com os resultados da *SEM* (*Structural Equation Modeling*), os indicadores de adequação de ajuste deste modelo foram aceitáveis: $\chi^2(5) = 11,54$, $p > 0,05$; $\chi^2/gf = 2,31$, $GFI = 0,99$, $AGFI = 0,95$, $CFI = 0,99$, $RMSEA = 0,07$ (IC90% = (0,01 - 0,12)), $ECVI = 0,11$ e $CAIC = 78,13$.

Nesse modelo, todos os λ foram superiores a 0,30, sendo estatisticamente diferentes de zero ($\lambda \neq 0$; $z > 1,96$, $p > 0,001$). Um resumo pode ser observado na figura a seguir.

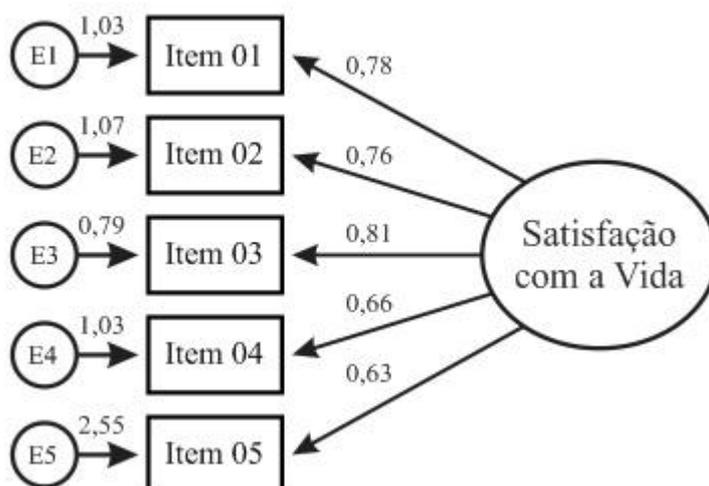


Figura 2 - Estrutura Fatorial da Escala de Satisfação com a Vida.

Dessa forma, considerando os múltiplos indicadores de qualidade de ajuste, percebe-se que a estrutura unifatorial da ESV, de fato se configura como adequada.

3.2.2 Escala de Afetos Positivos e Negativos (EAPN)

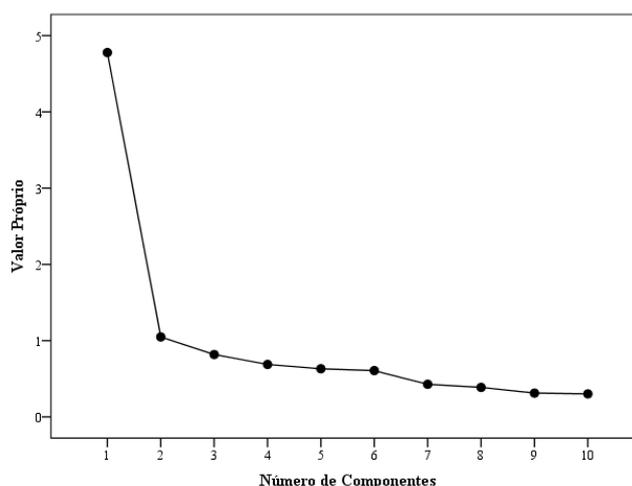
Acerca do poder discriminativo dos itens da EAPN, pode-se observar que todos diferenciam significativamente ($p \leq 0,001$) os grupos critérios. De acordo com a Tabela 5, as correlações (r_{it}) variaram entre 0,38 (*õRaivosoõ*) a 0,68 (*õFelizõ* e *õInfelizõ*). De fato, nenhum item da escala ficou abaixo do limite aceitável (0,30; FIELD, 2009). Quanto à consistência interna para o conjunto total de itens, tem-se que o alfa de *Cronbach* foi de 0,87. Após essas análises, procurou-se conhecer as possíveis estruturas fatoriais para a Escala de Afetos Positivos e Negativos. Para esse instrumento, a fatorabilidade da matriz de dados foi confirmada por meio do $KMO = 0,89$ e do *Teste de Esfericidade de Bartlett*, $\chi^2 (45) = 1150,37$; $p \leq 0,001$. (TABACHNICK; FIDEL, 2007).

Tabela 5 - Poder discriminativo, correlação item-total e precisão dos itens da Escala de Afetos Positivos e Negativos.

Item	Grupo Inferior		Grupo Superior		<i>t</i>	<i>r</i> _{i,t}	Precisão do item
	<i>m</i>	<i>dp</i>	<i>m</i>	<i>dp</i>			
EAPN ($\alpha = 0,87$)							
01	4,02	1,00	5,49	0,85	12,93*	0,68	0,85
02	4,78	1,39	6,50	0,90	12,04*	0,66	0,85
03	3,73	1,06	5,26	0,88	12,88*	0,65	0,85
04	4,75	1,51	6,41	0,91	10,90*	0,61	0,86
05	4,59	1,47	5,98	1,19	8,51*	0,38	0,87
06	3,87	1,20	5,24	1,16	9,50*	0,52	0,86
07	3,04	1,26	4,90	1,33	11,72*	0,53	0,86
08	3,95	1,37	5,58	1,01	11,10*	0,59	0,86
09	5,28	1,42	6,84	0,49	12,09*	0,68	0,85
10	4,12	1,02	5,63	0,96	12,51*	0,65	0,85

Notas: EAPN = Escala de Afetos Positivos e Negativos; * $p \leq 0,001$; *r*_{i,t} = Correlação item-total corrigida.

Para averiguar o número de fatores a extrair com base no que propõe Kaiser (1960), inicialmente foi efetuada uma análise de componentes principais, sem fixar o número de fatores a extrair e o tipo de rotação. Nessa análise, foi possível encontrar até 2 componentes que atenderam ao critério de valor próprio (*eigenvalue*) igual ou superior a 1. O fator I (afetos positivos) explicou 47,78% da variância, enquanto que o fator II (afetos negativos) explicou 10,48%; a propósito da fidedignidade (alfa de *Cronbach*) dessa medida, pode-se observar índices satisfatórios para ambos os fatores (afetos positivos: $\alpha = 0,82$; afetos negativos: $\alpha = 0,78$). Por outro lado, com a visualização do *scree plot* (Figura 3), foi identificado apenas um fator para o conjunto de itens da Escala de Afetos Positivos e Negativos.

**Figura 3** - Representação Gráfica dos valores próprios para a EAPN (Critério de Cattell).

Como observado, com base nos critérios de Kaiser e Cattell não se obteve consenso acerca da estrutura fatorial mais adequada para a EAPN. Nesse sentido, realizou-se a análise paralela a fim de se obter mais um critério sobre a estrutura fatorial desta medida. Os resultados podem ser observados na Tabela 6.

Tabela 6 - Análise paralela para os itens do EAPN (n=287).

Valores observados	Valores simulados	Percentis
4,78	1,30	1,38
1,05	1,20	1,27
0,82	1,14	1,18
0,69	1,07	1,11
0,63	1,02	1,05
0,61	0,96	1,00
0,43	0,91	0,95
0,39	0,86	0,91
0,31	0,80	0,85
0,30	0,72	0,78

Conforme a Tabela 6 parece pertinente extrair apenas um componente para o conjunto dos 10 itens da EAPN. No entanto, percebe-se que na literatura ainda não há um consenso sobre a dimensionalidade dessa medida, publicações a respeito têm indicado modelos de um e dois fatores. (ALBUQUERQUE; SOUSA; MARTINS, 2010; DIENER, 2000; DIENER; EMMONS, 1985; GIACOMONI, 2002). Nesse âmbito, buscou-se testar, por meio de análises fatoriais confirmatórias, a adequação dos modelos bifatorial (*Modelo 1*) e unifatorial (*Modelo 2*) da Escala de Afetos Positivos e Negativos, comparando-os e escolhendo aquele que melhor se ajusta aos dados. Informações mais detalhadas podem ser obtidas na tabela abaixo.

Tabela 7 - Comparação de diferentes modelos fatoriais da EAPN.

Modelo	χ^2 (gl)	AGFI	CFI	RSMEA (CI90%)	ECVI	CAIC	$\Delta\chi^2$ (gl)
1	98,23 (34)	0,90	0,94	0,08 (0,10 - 0,00)	0,49	238,08	-----
2	164,33 (35)	0,82	0,88	0,11 (0,10 - 0,13)	0,71	297,52	66,1 (1)*

Nota: χ^2 = qui-quadrado, gl = graus de liberdade, AGFI = Adjusted goodness-of-fit index, CFI = comparative fit index, RMSEA = root-mean-square error of approximation, CI90% = intervalo de confiança de 90%, ECVI = expected cross-validation index, CAIC = consistent Akaike information criterion, e $\Delta\chi^2$ = diferença entre os valores do qui-quadrado. * $p < 0,001$.

Quando se consideram os múltiplos indicadores de qualidade ajuste, o *Modelo 1* foi mais apropriado ($\chi^2/\text{gl} = 2,89$, $AGFI = 0,90$, $CFI = 0,94$ e $RMSEA = 0,08$) que o *Modelo 2*. Em função dos resultados, assume-se que a estrutura bifatorial da EAPN se apresenta como

mais adequada. Neste caso, todos os λ foram superiores a 0,30, sendo estatisticamente diferentes de zero ($\lambda \neq 0$; $z > 1,96$, $p \leq 0,001$). Adicionalmente, vale apontar que os dois fatores apresentaram correlação entre si () de -0,80 (valor Phi padronizado). Um resumo deste modelo pode ser observado na Figura 4.

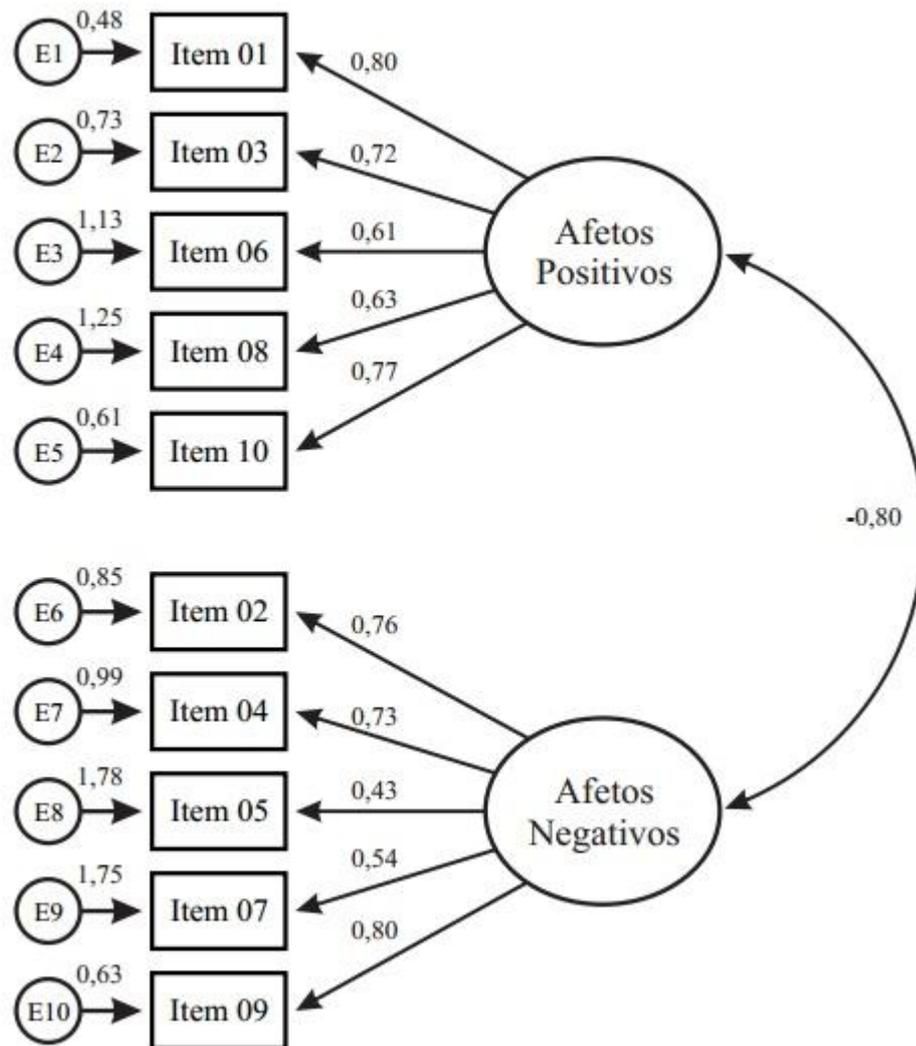


Figura 4 - Estrutura Fatorial da Escala de Afetos Positivos e Negativos.

Desse modo, tendo apresentado os resultados acerca do poder discriminativo e homogeneidade dos itens de ambas as escalas, das correlações item-total corrigidas, do índice de fidedignidade (alfa de *Cronbach*), bem como das estruturas fatoriais mais adequadas, a seguir faz-se necessário apresentar a discussão desses resultados com base em estudos desenvolvidos por outros autores.

3.3 Discussão

O objetivo principal do *Estudo I* foi apresentar as qualidades psicométricas da Escala de Satisfação com a Vida e Escala de Afetos Positivos e Negativos, no tocante ao poder discriminativo dos itens, consistência interna, estrutura e modelos fatoriais. Desse modo, assim como no tópico anterior, a discussão será apresentada separadamente para cada um dos instrumentos, iniciando pela Escala de Satisfação com a Vida.

3.3.1 Escala de Satisfação com a Vida (ESV)

Com base nos resultados, verificou-se que a ESV apresenta parâmetros psicométricos adequados, assim como encontrado em outros estudos. (ALBUQUERQUE; SOUSA; MARTINS, 2010; DIENER *et al.*, 1985; DURAK; SENOL-DURAK; GENCOZ, 2010). No que se refere à validade de construto, a solução unifatorial tem sido replicada. (ATIENZA *et al.*, 2000; MARTÍNEZ *et al.*, 2004; NÚÑEZ; MARTÍN-ALBO; DOMÍNGUEZ, 2010; TUCKER *et al.*, 2006). No presente estudo, considerando os diferentes critérios para extração de fatores propostos na literatura (Kaiser, Cattell e Horn), foi possível estimar a existência de um único fator para o conjunto de itens da ESV. Em síntese, pesquisas usando análises fatoriais tanto exploratórias quanto confirmatórias, têm demonstrado que os itens desta escala compõem uma única dimensão. (GOUVEIA *et al.*, 2009; HULTELL; GUSTAVSSON, 2008; SWAMI; CHAMORRO-PREMUZIC, 2009).

Sobre esse aspecto, Diener *et al.* (1985) ao verificarem a estrutura fatorial da ESV, identificaram a existência de um único fator, que explicou 66% da variância. Na mesma direção, Atienza *et al.* (2000) ao analisarem a dimensionalidade desta medida em contexto espanhol, também demonstraram a adequação unifatorial. Nesse estudo, o teste de Cattell indicou a presença de um fator que explicou 53,7% da variância e, além disso, pôde-se observar que todos os itens apresentaram cargas fatoriais entre |0,63| e |0,83|. No Brasil, Gouveia *et al.* (2009), realizaram um estudo de validação da ESV cujos resultados ressaltaram adequadas propriedades psicométricas desta medida, no que se refere às cargas fatoriais dos itens, correlações item-totais e consistência interna.

A propósito da fidedignidade da Escala de Satisfação com a Vida, na presente monografia, o alfa de *Cronbach* foi de 0,84, o que condiz com a literatura, que aponta como aceitável um alfa maior ou igual a 0,70. (MAROCO; GARCIA-MARQUES, 2006; PASQUALI, 2010). Adiciona-se a isto, o fato de que a maioria das publicações sobre confiabilidade da ESV apresenta alfas iguais ou superiores a 0,70. (ALBUQUERQUE;

SOUSA; MARTINS, 2010; DIENER; DIENER; DIENER, 1995; GOUVEIA *et al.*, 2009). Assim, no presente estudo, que utilizou uma amostra da população geral, a consistência interna desse instrumento pode ser considerada satisfatória, o que corrobora os achados de outras pesquisas realizadas na Espanha ($\alpha = 0,84$) e na Malásia ($\alpha = 0,83$). (ATIENZA *et al.*, 2000; SWAMI; CHAMORRO-PREMUZIC, 2009).

Ainda acerca da fidedignidade da Escala de Satisfação com a Vida, pode-se mencionar o estudo realizado por Huttel e Gustavson (2008), cujos resultados apontaram um alfa de *Cronbach* igual a 0,88. Do mesmo modo, Núñez, Martín-Albo e Domínguez (2010), ao analisar as propriedades psicométricas da ESV em contexto espanhol, encontraram um índice de fidedignidade semelhante aos mencionados anteriormente ($\alpha = 0,85$).

Por fim, vale ressaltar que assim como em outros estudos, na presente monografia, comprovou-se a adequação do modelo unifatorial da Escala de Satisfação com a Vida por meio de Modelagens de Equação Estrutural. Clench-Aas *et al.* (2011), por exemplo, ao verificar a dimensionalidade da ESV em uma amostra da Noruega encontraram resultados satisfatórios no que tange ao modelo unidimensional desta escala ($\chi^2(4) = 89,4$, $p \leq 0,001$; CFI = 0,99; RMSEA = 0,06). Na mesma direção, Swami e Chamorro-Premuzic (2009), analisaram as qualidades psicométricas desta medida em uma amostra da Malásia e por meio análises fatoriais confirmatórias replicam o modelo unifatorial da ESV, com índices de qualidade de ajuste adequados ($\chi^2(5) = 35,9$, $p \leq 0,01$; GFI = 0,99, CFI = 0,99; RMSEA = 0,06).

Diante do exposto, destaca-se que, de fato, a Escala de Satisfação com a Vida se apresenta como uma medida válida e precisa para se avaliar o componente cognitivo do bem estar subjetivo. Estudos realizados em diversos países e com amostras heterogêneas e específicas, indicam a validade de construto deste instrumento, bem como a adequação do modelo unifatorial. Desta forma, com base nos resultados do presente estudo, pretende-se por meio do *Estudo II*, observar a estabilidade teste reteste da ESV e sua relação com construtos correlatos.

3.3.2 Escala de Afetos Positivos e Negativos (EAPN)

Tendo observado os resultados descritos anteriormente, percebe-se que todos os itens da EAPN apresentaram poder discriminativo. Acerca da fidedignidade de tal instrumento, os resultados se assemelham aos encontrados por Chaves (2003). De acordo com a referida pesquisa, ambos os fatores da escala apresentaram índices adequados de

consistência interna (alfa de *Cronbach* = 0,81 e 0,78, para afetos positivos e negativos, respectivamente), assim como encontrado nesta monografia ($\alpha = 0,82$ e $\alpha = 0,78$).

No que tange à validade de construto, observou-se uma divergência acerca da estrutura fatorial deste instrumento quando considerados os critérios de Kaiser, Cattell e Horn. De fato, como apontado anteriormente, observa-se que na literatura há divergências sobre a dimensionalidade da EAPN, uma vez que publicações a respeito têm indicado modelos compostos por um e dois fatores. (ALBUQUERQUE; SOUSA; MARTINS, 2010; DIENER; EMMONS, 1985; GIACOMONI, 2002).

Sobre esse aspecto, alguns estudos têm destacado uma relação independente entre as dimensões dos afetos (BILLINGS *et al*, 2000; POTTER; ZAUTRA; REICH, 2000; SMITH; CHRISTENSEN, 1996), enquanto outros encontraram correlações significativas entre esses componentes. (BENIN, STOCK; OKUN, 1988; GREE; SALOVEY, 1999; RUSSELL; CARROLL, 1999). Não obstante essa divergência, Diener (2000) e Fredrickson (2001) ressaltam que se deve avaliar afetos positivos e negativos separadamente uma vez que eles se configuram como fatores opostos.

Nesta monografia, levando em conta o critério de Kaiser, bem como a análise fatorial confirmatória, percebe-se que a estrutura bifatorial desta medida se apresenta como a mais adequada, assim como encontrada por Chaves (2003). Como descrevem Diener e Emmons (1985), os afetos positivos e negativos são independentes em termos de quanto as pessoas se sentem durante longos períodos de tempo o que corrobora a dimensão bifatorial da referida escala. Na mesma direção, Albuquerque, Sousa e Martins (2010), ao adaptar e validar a EAPN para uma amostra de idosos residentes em ambiente rural no estado da Paraíba, demonstraram por meio de uma análise de componentes principais com rotação *oblimim* que esta medida se configura como bidimensional, com afetos positivos explicando 40,88% da variância total, enquanto que os negativos explicaram 18,18%; nesse estudo, ambos os fatores apresentaram alfas de *Cronbach* satisfatórios ($\alpha = 0,78$).

Em resumo, aponta-se que apesar das divergências acerca da dimensionalidade da EAPN, parece pertinente considerar a estrutura bifatorial desta medida, uma vez que tem sido confirmada tanto por meio de análises estatísticas robustas (Modelagem por Equação Estrutural), assim como destacado por publicações mais recentes. (ALBUQUERQUE; SOUSA; MARTINS, 2010). Além disso, vale mencionar que, assim como na Escala de Satisfação com a Vida, pretende-se por meio do *Estudo II*, observar a estabilidade temporal da

Escala de Afetos Positivos e Negativos, bem como checar sua relação com outros construtos (vitalidade, ansiedade, depressão e personalidade).

**4 ESTUDO II 6 MEDIDAS DE BEM ESTAR SUBJETIVO: PRECISÃO TESTE
RETESTE E VALIDADE CONVERGENTE**

Diversos autores têm concordado com a estabilidade das medidas de bem estar subjetivo. (BERGMAN; DAUKANTAITE, 2009; CHOW *et al.*, 2005; STEGER; KASHDAN, 2007). Além desse aspecto, estudos têm indicado a relação entre o bem estar subjetivo e distintos construtos, a exemplo da personalidade, saúde mental, vitalidade, estratégias de *coping* e valores. (GIACOMONI, 2004; GOUVEIA *et al.*, 2012; NUNES; HUTZ; GIACOMONI, 2009; RESENDE; GOUVEIA, 2011).

Nesse âmbito, este estudo tem como propósito averiguar a precisão teste reteste da Escala de Satisfação com a Vida e da Escala de Afetos Positivos e Negativos, bem como suas convergências com medidas correlatas, considerando uma amostra de estudantes de idiomas estrangeiros da cidade de Fortaleza-CE. Uma melhor compreensão das especificidades do estudo pode ser contemplada no *Método* a seguir.

4.1 Método

4.1.1 Amostra

Participaram deste estudo 51 estudantes de idiomas estrangeiros da cidade de Fortaleza ó CE, a maioria do sexo masculino (56,0%), solteira (96,1%), da religião católica (48,0%). A escolha desta amostra específica se deu pela necessidade de ter acesso aos sujeitos em dois momentos (teste e reteste) e pela disponibilidade destes em responder ao questionário do estudo. Os participantes apresentaram idade média de 22,9 anos ($dp = 4,53$; amplitude de 18 a 47) e se distribuíram entre os níveis de ensino médio (2,0%), superior incompleto (74,5%) e superior completo (23,5%). Deste total, voltaram a participar da pesquisa (reteste), após, aproximadamente, 30 dias, 34 estudantes com idades variando entre 18 e 30 anos ($m = 22,5$; $dp = 3,14$), a maioria do sexo masculino (58,8%) e com ensino superior incompleto (76,5%). Estas amostras foram de conveniência (não-probabilística), participando aquelas pessoas que, ao serem convidadas, concordaram em colaborar com a pesquisa.

4.1.2 Instrumentos

Os participantes responderam, além das medidas apresentadas no *Estudo I*, os seguintes instrumentos:

Questionário de Saúde Geral de Goldberg - QSG-12 (PASQUALI *et al.*, 1994). Este instrumento foi desenvolvido para o rastreamento de transtornos mentais comuns na clínica geral e atenção primária. O QSG é apontado como uma das medidas de *screening* mais eficazes para a utilização em grandes amostras populacionais, sendo, provavelmente, um dos

instrumentos de saúde mental que mais alterações tem sofrido ao longo dos anos. Após o desenvolvimento de sua versão original (GOLDBERG, 1972), composta por 60 itens, é possível encontrar versões do QSG contendo 30, 28, 20 e 12 itens. No Brasil, a qualidade psicométrica de tal instrumento foi atestada por Gouveia *et al.* (2003); nesse estudo, destacou-se que o QSG-12 é composto por dois fatores (ansiedade e depressão) que expressam o estado de ânimo das pessoas ou seu nível de esgotamento psicológico. O instrumento é respondido em função do quanto a pessoa tem experimentado uma série de sintomas descritos em cada item. Para tanto, utiliza-se uma escala de resposta com quatro pontos; para os itens que negam a saúde mental (por exemplo, *“Suas preocupações lhe têm feito perder muito sono?”*; *“Tem se sentido pouco feliz e deprimido?”*), as alternativas de resposta variam entre **1** = Absolutamente, não e **4** = Muito mais que de costume; em caso de itens afirmativos (por exemplo, *“Tem se sentido capaz de tomar decisões?”*; *“Tem podido concentrar-se bem no que faz?”*), as respostas podem variar de **1** = Mais que de costume a **4** = Muito menos que de costume. Por fim, vale destacar que, uma maior pontuação nessa medida é indicação de pior nível de saúde mental. (ANEXO III).

Escala de Vitalidade (RYAN; FREDERICK, 1997). Esta escala tem como objetivo avaliar o grau em que o participante tem se sentido em termos de vigor físico, mental e alerta, nos últimos dias. Compõe-se de sete itens (por exemplo, *“Tenho energia e disposição?”*; *“Sinto-me vivo e cheio de vitalidade?”*) cujas respostas devem ser dadas em uma escala de sete pontos, variando de **1** = Nada Verdadeiro a **7** = Totalmente Verdadeiro. No Brasil, Gouveia *et al.* (2012) desenvolveram estudo a fim de reunir evidências psicométricas de adequação de tal medida. Os resultados indicaram que a escala se apresenta como um instrumento preciso (alfa de *Cronbach* = 0,73), além de se relacionar significativamente com a satisfação com a vida ($r = 0,36, p < 0,001$). (ANEXO IV).

Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade (ANDRADE, 2008). Este instrumento foi elaborado originalmente em língua inglesa por John, Donahue e Kentle (1991) e adaptado para o contexto espanhol por Benet-Martínez e John (1998), contando com 44 itens. No presente estudo, utilizou-se uma versão reduzida composta por 20 itens (ANDRADE, 2008), estruturados em sentenças simples e respondidos em uma escala de respostas *Likert* de cinco pontos com os seguintes extremos: 1 = Discordo Totalmente e 5 = Concordo Totalmente. Este instrumento foi elaborado para permitir uma eficiente e flexível avaliação da personalidade quando não há necessidade de diferenciação entre as facetas individuais. Os itens são agrupados em cinco fatores, a saber: Abertura a mudança (*“É*

original, tem sempre novas ideias), Conscienciosidade (*Insiste até concluir a tarefa ou o trabalho*), Neuroticismo (*É temperamental, muda de humor facilmente*), Extroversão (*É conversador, comunicativo*) e Amabilidade (*Tem capacidade de perdoar, perdoa fácil*). (ANEXO V).

Caracterização da Amostra. Esta parte atendeu ao mesmo padrão do *Estudo I*, acrescentando-se apenas a variável *data de nascimento*, para garantir a identificação dos participantes nas etapas de teste e reteste. Uma visão mais ampla desses itens pode ser obtida no ANEXO VI.

4.1.3 Procedimento

A aplicação foi realizada coletivamente nos ambientes dos cursos de língua estrangeira, em horário cedido pelos professores e após a autorização do responsável pela instituição. Na ocasião, mediante assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO VIII), assegurou-se aos participantes o caráter confidencial de suas respostas e que o questionário seria reaplicado após 30 dias. O tempo médio de resposta nos dois estudos (teste e reteste) foi de aproximadamente 20 minutos e, após a coleta dos dados, foram excluídos da amostra aqueles questionários em que os respondentes deixaram mais de 10% dos itens de uma das medidas sem resposta ou responderam de forma diferente, utilizando escala distinta das propostas nos questionários. Finalmente, para garantir o anonimato das respostas, sem prejudicar a análise de correlação (*r* de *Pearson*) entre os dois momentos de coleta, o participante registrou no seu questionário sua data de nascimento, para permitir o pareamento do teste reteste sem que o anonimato das respostas fosse prejudicado.

4.1.4 Análise dos Dados

As análises foram efetuadas por meio do *software* SPSS (versão 19). Além das estatísticas descritivas (tendência central e dispersão), realizaram-se: testes *t* para amostras emparelhadas, para comparar as médias entre as pontuações dos sujeitos em dois tempos (t_1 e t_2); e Correlações de *r* de *Pearson* para observar a precisão teste reteste e validade convergente da Escala de Satisfação com a Vida e da Escala de Afetos Positivos e Negativos, uma vez que neste estudo, pretende-se conhecer a estabilidade dessas medidas e calcular suas relações com construtos correlatos.

4.2 Resultados

Para complementar as informações acerca da confiabilidade da Escala de Satisfação com a Vida (ESV) e da Escala de Afetos Positivos e Negativos (EAPN), procurou-se avaliar a precisão teste reteste desses instrumentos. Inicialmente, efetuou-se uma correlação r de *Pearson* entre as pontuações totais apresentadas pelos participantes deste estudo em dois momentos (t_1 e t_2). Em seguida, compararam-se, por meio de um teste t para amostras emparelhadas, as pontuações médias apresentadas pelos participantes nas duas aplicações.

Em relação à Escala de Satisfação com a Vida, os resultados indicaram uma correlação significativa ($r_t = 0,79$; $p \leq 0,01$) entre os dados obtidos nas duas aplicações, e acerca das pontuações médias apresentadas nos dois momentos, não se encontraram diferenças significativas ($m_{t1} = 4,35$, $dp = 1,34$; $m_{t2} = 4,45$, $dp = 1,41$; $p > 0,05$), o que corrobora a estabilidade temporal desta medida. Do mesmo modo, para os Afetos Positivos e Negativos, encontraram-se correlações significativas ($r_t = 0,79$, $p \leq 0,01$; $r_t = 0,80$, $p \leq 0,01$, respectivamente), não havendo diferença entre as pontuações médias nos dois momentos ($t_{afetos\ positivos} = 0,14$; $t_{afetos\ negativos} = -1,00$; $p > 0,05$).

Posteriormente, para atender aos objetivos do presente estudo, observou-se a validade convergente da ESV e da EAPN, por meio de correlações com instrumentos de saúde geral (QSG-12; PASQUALI *et al.*, 1994) e vitalidade (RYAN; FREDERICK, 1997). Tal análise se justifica, fundamentalmente, por estes construtos serem considerados indicadores do bem estar subjetivo. (CHAVES, 2003; GIACOMONI, 2004; RYAN; FREDERICK, 1997). Os detalhes dessas análises são apresentados na tabela abaixo.

Tabela 7. Correlação de Pearson entre SV, AP, AN, VT, DP, AS.

	1	2	3	4	5
1. Satisfação com a Vida	1				
2. Afetos Positivos	0,77**	1			
3. Afetos Negativos	-0,74**	-0,79**	1		
4. Vitalidade	0,76**	0,86**	-0,66**	1	
5. Depressão	-0,74**	-0,80**	0,76**	-0,80**	1
6. Ansiedade	-0,54**	-0,50**	0,51**	-0,45*	0,58**

Nota: SV = Satisfação com a Vida; AP = Afetos Positivos; AN = Afetos Negativos; VT = Vitalidade; DP = Depressão; AS = Ansiedade; * $p \leq 0,05$; ** $p \leq 0,01$.

Como se observa, os dados apresentados na Tabela 7 permitem admitir, como proposto na literatura (DIENER, *et al.*, 2010; DURAK; SENOL-DURAK; GENCOZ, 2010; GOUVEIA *et al.*, 2012; LIBRÁN; PIERA, 2008) que os indicadores de bem estar subjetivo apresentam correlações significativas entre si ($p \leq 0,01$). Especificamente, verifica-se que a

satisfação com a vida se relacionou diretamente com os construtos afetos positivos ($r = 0,77$) e vitalidade ($r = 0,76$), ao passo que o fez inversamente com os afetos negativos ($r = - 0,74$) com a depressão ($r = - 0,74$) e com a ansiedade ($r = - 0,54$). No que se refere aos afetos positivos, estes se correlacionaram com a vitalidade ($r = 0,86$), os afetos negativos ($r = - 0,79$), a depressão ($r = - 0,80$) e a ansiedade ($r = - 0,50$). Já os afetos negativos, se correlacionaram diretamente com a depressão ($r = 0,76$) e a ansiedade ($r = 0,51$), e inversamente com o construto vitalidade ($r = - 0,66$).

Ainda acerca da convergência das medidas de bem estar subjetivo, verificou-se neste estudo, a correlação entre a Escala de Satisfação com a Vida e a Escala de Afetos Positivos e Negativos com o construto personalidade (*Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade*; ANDRADE, 2008), assim como realizado por Nunes, Hutz e Giacomoni (2009). Os resultados são apresentados na tabela abaixo.

Tabela 8. Correlação de Pearson entre SV, AP, AN e fatores do ICG.

	1	2	3	4	5	6	7
1. Satisfação com a Vida	1						
2. Afetos Positivos	0,77**	1					
3. Afetos Negativos	-0,74**	-0,79**	1				
4. Abertura a Mudança	0,19	0,16	-0,03	1			
5. Conscienciosidade	0,54**	0,39**	-0,24	0,32	1		
6. Extroversão	0,39*	0,53**	-0,01	0,38*	0,26	1	
7. Amabilidade	0,28	0,28	-0,24	0,09	-0,02	0,27	1
8. Neuroticismo	-0,36*	-0,31	0,55**	-0,10	0,09	-0,03	-0,09

Nota: SV = Satisfação com a Vida; AP = Afetos Positivos; AN = Afetos Negativos; ICG = Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade. * $p \leq 0,05$; ** $p \leq 0,01$.

Quando considerada a relação entre os componentes do bem estar subjetivo e os fatores de personalidade, pode-se observar que satisfação com a vida se correlacionou significativamente ($p \leq 0,05$; $p \leq 0,01$) com conscienciosidade ($r = 0,54$), extroversão ($r = 0,39$) e com o neuroticismo ($r = - 0,36$). No que tange aos afetos positivos, estes apresentaram correlações significativas ($p \leq 0,01$) com os fatores conscienciosidade ($r = 0,39$) e extroversão ($r = 0,53$). Já para os afetos negativos, observou-se apenas uma correlação significativa com o fator neuroticismo ($r = 0,55$; $p \leq 0,01$). Finalmente, vale ressaltar que os fatores abertura a mudança e amabilidade não apresentaram correlações significativas com nenhum dos componentes do bem estar subjetivo (satisfação com a vida, afetos positivos e afetos negativos).

Em suma, as análises apresentadas neste tópico demonstram que tanto a Escala de Satisfação com a Vida, quanto a Escala de Afetos Positivos e Negativos se configuraram como

medidas estáveis. Além disso, observou-se que existe uma convergência entre os indicadores de bem estar subjetivo aqui tratados, cabendo destacar também sua relação com alguns dos fatores de personalidade.

4.3 Discussão

Como apresentado, o *Estudo II* teve como objetivo testar a precisão teste reteste da Escala de Satisfação com a Vida (ESV) e da Escala de Afetos Positivos e Negativos (EAPN) e verificar a validade convergente destas medidas.

Nesse âmbito, observou-se que a ESV se configurou como uma medida estável, assim como encontrado por Diener *et al.* (1985). Em sua versão original, tal instrumento apresentou um coeficiente de precisão teste reteste igual a 0,82 considerando um intervalo de dois meses. Na mesma direção, outros estudos têm indicado a estabilidade temporal desta medida, com correlações de 0,84 (PAVOT *et al.*, 1991) em um período de quatro semanas; e 0,54 em um período de quatro anos. (PAVOT; DIENER, 1993).

Acerca da ESV, em estudo recente, Núñez, Martín-Albo, Domínguez (2010) encontraram um coeficiente de precisão teste reteste de 0,69, considerando um período de quatro semanas. Sobre esse aspecto, Ehrhardt, Saris e Veenhoven (2000), por exemplo, destacam que a estabilidade da ESV tende a diminuir de 0,45 a 0,29, considerando um intervalo de dez anos, o que indica a influência de fatores situacionais na determinação deste componente do bem estar subjetivo. Desse modo, observa-se que na presente monografia os resultados se apresentaram satisfatórios, na medida em que indicaram a adequada estabilidade temporal da ESV, considerando um intervalo de 30 dias entre a primeira e a segunda aplicação ($r_{tt} = 0,79$; $p \leq 0,01$).

Em geral, os estudos indicam que a Escala de Satisfação com a Vida se configura como uma medida estável, não obstante quando considerados intervalos mais longos, sua estabilidade tenda a diminuir, o que pode estar relacionado à influência das circunstâncias de vida dos indivíduos. Nesse sentido, Diener, Inglehart e Tay (2012), ressaltam que existe uma considerável estabilidade no construto satisfação com a vida tendo em conta intervalos de tempo mais curtos, pois, a longo prazo, variáveis situacionais podem influenciar nas avaliações que as pessoas fazem acerca de suas vidas.

Em relação aos Afetos Positivos e Negativos, Carter (2004) relata que ao observar a precisão teste reteste destes componentes, considerando um período de seis meses, encontraram-se correlações significativas ($p \leq 0,01$) entre as pontuações nos dois momentos

de testagem (afetos positivos: $r_{tt} = 0,41$; afetos negativos: $r_{tt} = 0,35$). Para esse autor, o componente afetivo do bem estar subjetivo se apresenta pouco estável ao longo do tempo o que pode ser identificado pelos baixos valores dos coeficientes de correlação. Por outro lado, Diener e Larsen (1984) ao analisar a estabilidade dos afetos, destacam que em um intervalo de três semanas os coeficientes de precisão teste reteste se apresentaram significativos ($p \leq 0,05$) e satisfatórios (afetos positivos: $r_{tt} = 0,79$; afetos negativos: $r_{tt} = 0,81$), assim como encontrado na presente monografia ($r_{tt} = 0,79$, $r_{tt} = 0,80$; $p \leq 0,01$; para afetos positivos e negativos, respectivamente).

Ainda acerca da estabilidade das medidas de bem estar subjetivo, vale mencionar que algumas publicações destacam altos índices para a Escala de Satisfação com a Vida (DIENER; LUCAS; SCOLLON, 2006; EID; DIENER 2004), enquanto outros encontraram moderada estabilidade (0,45) em um intervalo de 1 ano, diminuindo anualmente até uma fraca estabilidade (0,29) em um período de 10 anos. (EHRHARDT; SARIS; VEENHOVEN, 2000). Por outro lado, quando considerado o componente afetivo do bem estar subjetivo, tem-se encontrado menor estabilidade e maior reatividade às influências situacionais. (CHOW *et al.*, 2005).

Em síntese, alguns pesquisadores interpretam que a estabilidade das medidas de bem estar subjetivo é determinada por fatores de personalidade (EID *et al.*, 2003; WEISS; BATES; LUCIANO, 2008), enquanto outros consideram que a moderada estabilidade desse construto revela a sensibilidade às mudanças nas circunstâncias de vida. (GOMEZ *et al.*, 2009; SCHIMMACK; SCHUPP; WAGNER, 2008). Galinha e Pais-Ribeiro (2008), por exemplo, destacam que há fatores de predisposição, bem como variáveis contextuais que determinam o bem estar subjetivo dos indivíduos e que as divergências nos resultados para estabilidade das medidas desse construto podem ser resultado dos diferentes processos de mensuração de seus componentes.

No que diz respeito à validade convergente das medidas de bem estar subjetivo, no presente estudo encontraram-se índices consistentes com os destacados por outras pesquisas. (DURAK; SENOL-DURAK; GENCOZ, 2010; GOUVEIA *et al.*, 2009; SPAGNOLI; CAETANO; SILVA, 2012). Tais resultados confirmam que o componente satisfação com a vida apresenta correlações positivas com os afetos positivos, ao passo que se relaciona negativamente com os afetos negativos e com a depressão. Como descrito por Pavot e Diener (1993) diversos estudos têm encontrado correlações positivas entre a Escala de Satisfação com a Vida e medidas de afetos positivos, bem como correlações negativas com

instrumentos que mensuram os afetos negativos, a ansiedade e a depressão. (CHAVES, 2003; GOUVEIA *et al.*, 2003; VAN HEMERT; VAN DE VIJVER; POORTINGA, 2002).

Sobre este tópico, vale mencionar também a relação dos componentes do bem estar subjetivo com o construto vitalidade. Para Ryan e Frederick (1997), a vitalidade reflete sentimentos de vigor físico e mental; desse modo, espera-se que esse instrumento apresente correlações positivas com medidas de bem estar físico e psicológico, e negativas com os afetos negativos, a ansiedade e a depressão, uma vez que a vitalidade reflete o bem estar. Em resumo, os resultados do presente estudo corroboraram esses aspectos, uma vez que o construto vitalidade se correlacionou significativa e positivamente com a satisfação com a vida e com os afetos positivos, e o fez negativamente com os afetos negativos, com a ansiedade e com a depressão, assim como destacado por Gouveia *et al.* (2003; 2012), Chaves (2003) e Reis *et al.* (2000).

Além disso, vale ressaltar a relação entre os componentes do bem estar subjetivo e os fatores de personalidade propostos no *Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade*. (ANDRADE, 2008). No que tange ao componente satisfação com a vida, as correlações encontradas no presente estudo se aproximam daquelas encontradas por Hayes e Joseph (2003), Quevedo e Abella (2011) e Schimmack *et al.* (2004). Hayes e Joseph (2003), por exemplo, destacam que a Escala de Satisfação com a Vida apresentou-se significativa e positivamente correlacionada com os fatores extroversão e conscienciosidade, negativamente com o neuroticismo e por fim, não apresentou correlações significativas com os fatores amabilidade e abertura a mudança.

De fato, esperam-se correlações positivas entre a satisfação com a vida e o fator extroversão, uma vez que os indivíduos extrovertidos tendem a ser entusiasmados, alegres e a expressar emoções positivas, características que estão associadas a este componente do bem estar subjetivo. (ANDRADE, 2008; SCHIMMACK *et al.*, 2004). Do mesmo modo, como esperado, observou-se uma correlação positiva entre a Escala de Satisfação com a Vida e o fator conscienciosidade, tendo em conta que esta faceta define aquelas pessoas que são responsáveis, cautelosas e que têm comportamentos direcionados a um objetivo específico, o que pode estar ligado a necessidade de planejamento e satisfação dos seus objetivos e, conseqüentemente, com a satisfação com a vida. (ANDRADE, 2008; GOMEZ *et al.*, 2009).

A propósito desse tema, quando considerado o fator neuroticismo, de fato, esperam-se correlações negativas com a satisfação com a vida, pois se destaca que pessoas com esse traço de personalidade apresentam maior frequência de irritação, tendem a ser

nervosos e preocupados. (ANDRADE, 2008; LIBRÁN, 2006). Como indicado por DeNeve e Cooper (1998), o neuroticismo predispõe as pessoas a experienciar um baixo nível de bem estar subjetivo, ou seja, os indivíduos apresentam pontuações menores em medidas de satisfação com a vida e afetos positivos, ao passo que pontuam alto em afetos negativos.

Adicionalmente, no que se refere ao componente afetivo do bem estar subjetivo, os resultados encontrados no presente estudo divergem daqueles mencionados por Haslam, Whelan e Bastiane (2009) e Steel, Schmidt e Shultz (2008). Nesses estudos destaca-se, por exemplo, que os afetos positivos se correlacionam significativamente com todas as facetas dos *Big Five* (Abertura a Mudança, Conscienciosidade, Extroversão, Amabilidade e Neuroticismo), enquanto que, na presente monografia esse componente apresentou correlações significativas apenas com os fatores extroversão e conscienciosidade.

Como ressaltam Nunes, Hutz e Giacomoni (2009) e Weiss, Bates e Luciano (2008), a faceta extroversão apresenta correlações positivas com os afetos positivos, uma vez que pessoas que tendem a ser entusiasmadas e que buscam ativamente por situações sociais apresentam maiores níveis desse componente do bem estar subjetivo. Para o fator conscienciosidade, também se espera que este se correlacione diretamente com os afetos positivos uma vez que, esta faceta têm se apresentado como um previsor significativo da qualidade de vida o que pode estar relacionado com a experiência de afetos positivos e consequentemente com a felicidade das pessoas. (STEEL; SCHMIDT; SHULTZ, 2008).

Como dito anteriormente, quando considerado os afetos negativos, observaram-se resultados distintos daqueles apontados por outros estudos (FINCH *et al.*, 2012; PANACCIO; VANDENBERGHE, 2012; QUEVEDO; ABELLA, 2011; STEEL; SCHMIDT; SHULTZ, 2008), uma vez que quando considerados os fatores de personalidade, esse componente apresentou correlação significativa apenas com a faceta neuroticismo. Como descrito por Andrade (2008), este fator está relacionado com a ansiedade, com a tristeza e com a irritabilidade, do mesmo modo que os afetos negativos expressam sentimentos ou emoções desagradáveis tais como: tristeza, ansiedade e medo. (GUEDEA *et al.*, 2006). Nesse sentido, Gramzow *et al.* (2004) destacam que o neuroticismo ao refletir a experiência de emoções negativas, se mostra diretamente correlacionado com esse componente do bem estar subjetivo, o que corrobora os resultados da presente monografia.

Por fim, pode-se observar que os fatores Abertura a Mudança e Amabilidade não apresentaram correlações significativas com os componentes do bem estar subjetivo (satisfação com a vida, afetos positivos e afetos negativos). Segundo Andrade (2008), a faceta

abertura a mudança descreve indivíduos francos, imaginativos e espirituosos, ao passo que a amabilidade reflete pessoas agradáveis, amáveis e afetuosas. De fato, os estudos têm indicado pouca ou nenhuma relação desses fatores com os componentes cognitivo e afetivo do bem estar subjetivo. (BUTKOVIC; BRKOVIC; BRATKO, 2012; PANACCIO; VANDENBERGHE, 2012; QUEVEDO; ABELLA 2011). Quevedo e Abella (2011), por exemplo, destacam que a faceta abertura a mudança apresentou correlação significativa apenas com os afetos positivos ($r = 0,14$; $p > 0,01$), e quando considerada a amabilidade, esta se mostrou correlacionada ($p > 0,001$) com a satisfação com a vida e com os afetos negativos, apesar dos baixos valores das correlações ($r = 0,13$, $r = -0,18$, respectivamente).

Vale destacar que ao observar a descrição do fator amabilidade, espera-se que este se mostre positivamente relacionado com os afetos positivos e negativamente com os afetos negativos; entretanto, como já mencionado, não se observaram tais relações, o que requer um questionamento, uma vez que tais resultados divergem em parte daqueles encontrados em outros estudos. Por outro lado, ao analisar a descrição da faceta abertura a mudança, pressupõe-se que esta não se apresente significativamente relacionada com o bem estar subjetivo, uma vez que esse fator descreve pessoas imaginativas, espirituosas, originais e artísticas (ANDRADE, 2008), características que não são tão apontadas nas avaliações da satisfação com a vida, dos afetos positivos e negativos. Tendo em conta os aspectos descritos anteriormente, observa-se que de modo geral, o construto personalidade se apresenta como um importante correlato do bem estar subjetivo, principalmente quando considerado o componente satisfação com a vida. Nessa direção, uma discussão mais ampla sobre os resultados, suas limitações e propostas relevantes para o desenvolvimento de novos estudos, serão contempladas no próximo capítulo.

5 DISCUSSÃO GERAL E CONCLUSÃO

Os principais objetivos desta monografia foram avaliar as propriedades psicométricas da Escala de Satisfação com a Vida (DIENER *et al.*, 1985) e da Escala de Afetos Positivos e Negativos (DIENER; EMMONS, 1985; CHAVES, 2003), bem como checar a precisão teste reteste e a validade convergente destas medidas. Para atender as propostas apresentadas, desenvolveram-se dois estudos específicos, permitindo concluir que os objetivos propostos foram atingidos satisfatoriamente.

No *Estudo I*, avaliaram-se as propriedades psicométricas dos instrumentos supracitados, utilizando, para tanto, análises fatoriais exploratórias e confirmatórias. Mais especificamente, apresentaram-se informações acerca do poder discriminativo, consistência interna e estrutura fatorial da Escala de Satisfação com a Vida (ESV) e da Escala de Afetos Positivos e Negativos (EAPN). No que tange à primeira, observou-se que esta se configura como um instrumento válido, preciso e com estrutura indubitavelmente unifatorial, levando em conta os diversos critérios utilizados, bem como estudos realizados tanto no Brasil, quanto em diferentes países. Por outro lado, quando considerada a EAPN constatou-se uma divergência nos resultados, tendo em conta os diferentes critérios empregados. De fato, como destacado anteriormente, não há consenso entre os autores sobre a dimensionalidade desse instrumento; entretanto, como ressaltado por Diener (2000) os afetos positivos e negativos devem ser considerados como componentes opostos, e dessa forma, se configuram como dois fatores diferentes, o que corrobora o modelo mais adequado (Modelo Bifatorial) encontrado por meio da análise fatorial confirmatória.

Ainda acerca da EAPN, vale mencionar a escassez de publicações que relatam a validade e a precisão de tal instrumento, o que dificulta a comparabilidade dos resultados encontrados. Nesse âmbito, destaca-se a relevância da presente monografia, que considerando uma amostra da população geral da cidade de Fortaleza ó CE, avaliou a estrutura de tal medida (Primeiro Estudo). No Brasil, apesar do crescente número de pesquisas sobre o bem estar subjetivo, a maioria dos estudos que abordam essa temática foi desenvolvida no estado da Paraíba, o que dificulta a utilização das escalas adaptadas em amostras de outras cidades.

Adicionalmente, no Segundo Estudo, verificou-se a estabilidade temporal da ESV e da EAPN (considerando para tanto, um intervalo de trinta dias), bem como a validade convergente desses instrumentos com alguns indicadores de bem estar subjetivo (vitalidade, ansiedade e depressão) e com o construto personalidade. Sobre esse estudo, vale apontar que se encontraram dificuldades para avaliar os mesmos sujeitos em duas ocasiões distintas (Teste e Reteste), o que pode ser observado pelo número reduzido de participantes. Portanto,

entende-se que, uma vez que os cálculos do coeficiente de correlação r de *Pearson* são influenciados pelo tamanho da amostra (FIELD, 2009), os valores encontrados na presente monografia podem ter sido subestimados.

Não obstante tal situação, os resultados para a ESV foram consistentes com os mencionados por outros autores, na medida em que apontaram a adequada estabilidade temporal desse instrumento. Por outro lado, quando se avalia a precisão teste reteste dos Afetos Positivos e Negativos, observa-se que apesar desses componentes do bem estar subjetivo se apresentarem mais sensíveis a influência de variáveis situacionais, no presente estudo, os índices de estabilidade para os afetos se mostraram satisfatórios, assim como observado em seu estudo original. (DIENER; EMMONS, 1985).

Ainda no *Estudo II*, como especificado, verificou-se a relação da Escala de Satisfação com a Vida e da Escala de Afetos Positivos e Negativos com os construtos Vitalidade, Ansiedade e Depressão, uma vez que tais variáveis são consideradas indicadores de bem estar subjetivo. (CHAVES, 2003). Sobre este aspecto, observa-se que os resultados se mostraram consistentes com os destacados por outros autores, tendo em conta que a Satisfação com a Vida, os Afetos Positivos e os Afetos Negativos se mostraram significativamente correlacionados entre si. Além disso, observou-se que, como exposto na literatura, a satisfação com a vida e os afetos positivos se correlacionaram diretamente com a vitalidade (variável que indica o bem estar), do mesmo modo que os afetos negativos se relacionaram com a ansiedade e com a depressão (indicadores de baixos níveis de bem estar subjetivo).

No tocante à relação entre os componentes do bem estar subjetivo e os fatores de personalidade, como dito anteriormente, os resultados se mostraram distintos daqueles encontrados em outras publicações. (HASLAM; WHELAN; BASTIAN, 2009; STEEL, SCHMIDT E SHULTZ, 2008). Entende-se que nessa monografia tais indicadores podem ter sido influenciados pelo reduzido tamanho da amostra, uma vez que os estudos com maior número de participantes tendem a encontrar, por exemplo, correlações entre os fatores abertura a mudança e amabilidade e os componentes do bem estar subjetivo, embora os coeficientes r de *Pearson* apresentem valores baixos. (QUEVEDO; ABELLA, 2011; HASLAM; WHELAN; BASTIAN, 2009; SCHIMMACK *et al.*, 2004).

Tendo em conta esses apontamentos, é preciso reconhecer que as amostras da pesquisa não foram representativas da população, o que impossibilita generalização dos resultados. No entanto, é importante ponderar que, em termos gerais, podem trazer

contribuições no campo da pesquisa sobre o bem estar subjetivo no Brasil e, mais precisamente, no Estado do Ceará, uma vez que neste contexto não foi encontrado qualquer estudo nessa perspectiva.

Em suma, foi possível constatar que a Escala de Satisfação com a Vida e a Escala de Afetos Positivos e Negativos, apresentam adequadas qualidades psicométricas, levando em conta sua validade de construto, convergente e estabilidade temporal (precisão teste reteste). Mais especificamente, acerca da validade convergente, encontraram-se resultados semelhantes aos destacados por outros autores, salvo algumas exceções. Adicionalmente, aponta-se a possibilidade de futuramente realizar novos estudos com uma amostra ampliada e/ou com diferentes amostras (amostras clínicas, por exemplo), além de utilizar análises estatísticas mais robustas. Uma das possibilidades é observar a Invariância Fatorial das escalas; esta análise permite a comparação de construtos, tendo em conta diferentes grupos ou momentos de medição, por meio de modelos fatoriais confirmatórios. (ANSTEY; HOFER; LUSZCZ, 2003; SHEVLIN; BRUNSDEN; MILES, 1998; SIMÕES; MATOS; BATISTA-FOGUET, 2006).

Nessa direção, as propriedades psicométricas da ESV e da EAPN podem ser examinadas por meio da invariância fatorial considerando, por exemplo, variáveis como sexo, idade, escolaridade, renda familiar e bairro em que o participante reside, a exemplo dos estudos realizados por Wu e Yao (2006), Bai *et al.* (2011) e Clench-Aas (2011). Tendo em conta essa análise, se a medição dos construtos for considerada invariante, assume-se que a satisfação com a vida e os afetos positivos e negativos mantêm as mesmas qualidades psicométricas nos distintos grupos avaliados.

Por fim, como apontado inicialmente, os estudos acerca do bem estar subjetivo são relevantes na atualidade uma vez que esse construto tem sido considerado como um indicador de benefícios relacionados à saúde (física e mental) e uma medida de avaliação de qualidade de vida das pessoas, características diretamente relacionadas com a perspectiva da Psicologia Positiva. Nesse contexto, a apresentação de medidas válidas desse construto pode favorecer a realização de levantamentos que forneçam índices objetivos, o aprimoramento das técnicas de avaliação psicológica voltadas para a identificação dos aspectos positivos da vida das pessoas, o auxílio nas intervenções em problemas sociais e o desenvolvimento de estratégias de promoção em saúde. (GIACOMONI, 2004; PALUDO; KOLLER, 2007; PASSARELI; SILVA, 2007). Diante do exposto, ainda que não se constitua uma pesquisa

aplicada, pode-se concluir que a presente monografia, contribui para os avanços no campo da Psicologia Positiva, dando ênfase aos afetos positivos, a felicidade e a satisfação com a vida.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, F. J. B. *et al.* Valores humanos básicos como preditores do bem-estar subjetivo. **Psico**, v. 37, n. 2, p. 131-137, 2006.
- ALBUQUERQUE, F. J. B.; SOUSA, F. M.; MARTINS, C. R. Validação das escalas de satisfação com a vida e afetos para idosos rurais. **Psico**, Porto Alegre, PUCRS, v. 41, n. 1, p. 85-92, jan./mar. 2010.
- ALBUQUERQUE, A. S.; TRÓCCOLI, B. T. Desenvolvimento de uma escala de bem-estar subjetivo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 20, n. 2, p. 153-164, 2004.
- AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION (APA). **Dicionário de Psicologia - APA**. São Paulo: Artmed, 2010.
- ANABY, D; JARUS, T; ZUMBO, B. D. Psychometric Evaluation of the Hebrew Language Version of the Satisfaction with Life Scale. **Social Indicators Research**, v. 96, p. 2676274, 2010.
- ANDRADE, J. **Evidências de validade do inventário dos cinco grandes fatores de personalidade para o Brasil**. 2008. Tese (Doutorado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações) ó Universidade de Brasília, Brasília, 2008.
- ANSTEY, K. J.; HOFER, S. M.; LUSZCZ, M. A. Cross-Sectional and Longitudinal Patterns of Dedifferentiation in Late-Life Cognitive and Sensory Function: The Effects of Age, Ability, Attrition, and Occasion of Measurement. **Journal of Experimental Psychology**, v. 132, n. 3, p. 470 ó 487, 2003.
- ARTECHE, A. X.; BANDEIRA, D. R. Bem-estar subjetivo: um estudo com adolescentes trabalhadores. **Psico-USF**, v. 8, n. 2, p. 193-201, 2003.
- ATIENZA, F. L. *et al.* Propiedades Psicométricas de la Escala de Satisfacción con la Vida en Adolescentes. **Psicothema**, v. 12, n. 2, p. 314-319, 2000.
- BACON, S. F. Positive psychologyø two cultures. **Review of General Psychology**, v. 9, n. 2, p. 181-192, 2005.
- BAI, X. *et al.* The psychometric evaluation of the Satisfaction with Life Scale using a nationally representative sample of China. **J. Happiness Stud.** v. 12, p. 1836197, 2011.
- BARDAGI, M. P.; HUTZ, C. S. Satisfação de vida, comprometimento com a carreira e exploração vocacional em estudantes universitários. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 62, n. 1, 2010.
- BARTLETT, M. Tests of significance in factor analysis. **British Journal of Psychology**, v. 3, n. p.77-85, 1950.
- BENET-MARTÍNEZ, V.; JOHN, O. P. *Los Cinco Grandes* across cultures and ethnic groups: Multitrait Multimethod Analyses of the Big Five in Spanish and English. **Journal of Personality and Social Psychology**, v.75, n.3, p. 729-750, 1998.

BENIN, M. H.; STOCK, W. A.; OKUN, M. A. Positive and Negative Affect: A maximum-likelihood approach. **Social Indicators Research**, v. 20, p. 165-175, 1988.

BERGMAN, L. R.; DAUKANTAITE, D. Stability of Typical Patterns of Subjective Well-Being in Middle-Aged Swedish Women. **Journal Happiness Stud.**, v. 10, p. 2936311, 2009.

BILLINGS, D. W. *et al.* Coping and Physical Health During Caregiving: The Roles of Positive and Negative Affect. **Journal of Personality and Social Psychology**, v.79, n.1, p. 131-142, 2000.

BRADBURN, N. M. **The structure of psychological well-being**. Chicago: Aldine. 1969.

BREBNER, J. *et al.* Relationships between happiness and personality. **Personality and Individual Differences**, v. 19, n. 2, p. 251-258, 1995.

BRIEF, A. P. *et al.* Integrating Bottom-Up and Top-Down Theories of Subjective Well-Being The Case of Health. **Journal of Personality and Social Psychology**, v.64, n. 4, p. 646-653, 1993.

BUTKOVIC, A.; BRKOVIC, I.; BRATKO, D. Predicting well-being from personality in adolescents and older adults. **Journal of Happiness Studies**, v. 13, p.4556467, 2012.

CARDOSO, C. M. P. **Estratégias de coping, bem-estar e adaptação nas crianças e adolescentes com cancro: estudo exploratório**. 2010. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa, 2010.

CARTER, S. D. Reexamining the temporal aspects of affect: relationships between repeatedly measured affective state, subjective well-being, and affective disposition. **Personality and Individual Differences**, v. 36, p. 3816391, 2004.

CATTELL, R. The scree test for the number of factors. **Multivariate Behavioral Research**, v.1, p.245-276, 1966.

CHA, K. Subjective well-being among college students. **Social Indicators Research**, v. 62, 63, p. 455-477, abr., 2003.

CHAVES, S. S. S. **Valores como preditores do bem-estar subjetivo**. 2003. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Psicologia. Mestrado em Psicologia Social. 2003.

_____. **O bem-estar subjetivo e os valores humanos em músicos e advogados da cidade de João Pessoa**. 2007. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2007.

CHOW, S. *et al.* Emotion as a Thermostat: Representing Emotion Regulation Using a Damped Oscillator Model. **Emotion**, v. 5, n. 2, p. 2086225, 2005.

CLENCH-AAS, J. *et al.* Dimensionality and measurement invariance in the Satisfaction with Life Scale in Norway. **Qual. Life Res.**, v. 20, p.130761317, 2011.

COMPTON, W. C. *et al.* Factor structure of mental health measures. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 71, n. 2, p. 406-413, 1996.

DANNER, D. D.; SNOWDON, D. A.; FRIESEN, W. V. Positive emotions in early life and longevity: findings from the nun study. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 80, n. 5, p. 804-813, maio. 2001.

DeNEVE, K. M.; COOPER, H. The Happy Personality: A Meta-Analysis of 137 personality traits and subjective well-being. **Psychological Bulletin**, v. 124, n. 2, p.197-229, 1998.

DIENER, E. Subjective well-being. **Psychological Bulletin**, v. 95, n. 3, p. 542-575, 1984.

DIENER, E. *et al.* The Satisfaction With Life Scale. **Journal of Personality Assessment**, v. 49, n.1, 1985.

DIENER, E. *et al.* Intensity and frequency: dimensions underlying positive and negative affect. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 48, n. 5, p. 1253-65, maio. 1985.

DIENER, E. *et al.* Subjective well-being: three decades of progress. **Psychological Bulletin**, v. 125, n. 2, p. 276-302, 1999.

DIENER, E. Subjective well-being: The science of happiness and a proposal for a national index. **American Psychologist**, v. 55, n. 1, p. 34-43, 2000.

DIENER, E. *et al.* New Well-being Measures: Short Scales to Assess Flourishing and Positive and Negative Feelings. **Social Indicators Research**, v. 97, n. 2, p. 143-156, 28 maio. 2010.

DIENER, E.; DIENER, M. Cross-cultural correlates of life satisfaction and self-esteem. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 68, n. 4, p. 653-663, 1995.

DIENER, E.; DIENER, M.; DIENER, C. Factors predicting the subjective well-being of nations. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 69, n. 5, p. 851-64, nov. 1995.

DIENER, E.; EMMONS, R. A. The independence of positive and negative affect. **Journal of personality and social psychology**, v. 47, n. 5, p. 1105-17, nov. 1985.

DIENER, E; INGLEHART, R; TAY, L. Theory and Validity of Life Satisfaction Scales. **Social Indicators Research**, 2012.

DIENER, E.; LARSEN, R. J. Temporal Stability and Cross-Situational consistency of affective, behavioral, and cognitive responses. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 47, n.4, p. 871-883, 1984.

DIENER, E; LUCAS, R. E.; SCOLLON, C. N. Beyond the hedonic treadmill: Revising the adaptation theory of well-being. **American Psychologist**, v. 61, n. 4, 305-314, 2006.

DIENER, E.; OISHI, S.; LUCAS, R. E. Personality, culture, and subjective well-being: emotional and cognitive evaluations of life. **Annual Review of Psychology**, v. 54, p. 403-25, jan., 2003.

DIENER, E.; SANDVIK, E.; LARSEN, R. J. Age and Sex Effects for Emotional Intensity. **Developmental Psychology**, v. 21, n.3, p. 542-546, 1985.

DUBÉ, L.; JODOIN, M.; KAIROUZ, S. On the cognitive basis of subjective well-being analysis: what do individuals have to say about it? **Canadian Journal of Behavioral Science**, v. 30, n. 1, p. 1-13, 1998.

DUCKWORTH, A. L.; STEEN, T. A.; SELIGMAN, M. E.P. Positive psychology in clinical practice. **Annu. Rev. Clin. Psychol.**, 2005.

DURAK, M; SENOL-DURAK, E.; GENCOZ, T. Psychometric Properties of the Satisfaction with Life Scale among Turkish University Students, Correctional Officers, and Elderly Adults. **Social Indicators Research**, v. 99, p. 4136429, 2010.

EHRHARDT, J.J.; SARIS, W.E.; VEENHOVEN, R. Stability of life-satisfaction over time: Analysis of change in ranks in a national population. **Journal of Happiness Studies**, v. 1, p. 1776205, 2000.

EID, M; DIENER, E. Intraindividual variability in affect: Reliability, validity, and personality correlates. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 76, n.4, p. 662-676, 1999.

_____. Global judgments of subjective well-being: Situational variability and long-term stability. **Social Indicators Research**, v. 65, p. 2456277, 2004.

EID, M. *et al.* Sociability and Positive Emotionality: Genetic and environmental contributions to the covariation between different facets of Extraversion. **Journal of Personality**, v. 71, n. 3, 2003.

EMMONS, R. A. Personal strivings: An approach to personality and subjective well-being. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 51, n. 5, p. 1058-1068, 1986.

EMMONS, R. A.; DIENER, E. Influence of Impulsivity and Sociability on Subjective Well-Being. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 50, n.6, p. 1211-1215, 1986.

_____. A Goal-Affect Analysis of Everyday Situational Choices. **Journal of Research in Personality**, v. 20, p. 309-326, 1986.

EMMONS, R. A.; DIENER, D.; LARSEN, R.J. Choice and avoidance of everyday situations and affect congruence: Two Models of Reciprocal Interactionism. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 51, n. 4, p. 815-826, 1986.

FAVA, J. L.; VELICER W. F. The effect of under extraction in factor and component analysis. **Educational and Psychological Measurement**, v.56, n.6, p. 907-929, 1996.

FAZIO, A. F. A concurrent validation study of the NCHS General Well-Being Schedule. **Vital and Health Statistics: Data Evaluation and Methods Research**, v. Series 2, n. 73, p. 1-53, set. 1977.

FEIST, G. J. *et al.* Integrating Top-Down and Bottom-Up Structural Models of Subjective Well-Being: A Longitudinal Investigation. **Journal of Personality and Social Psychology**, v.68, n.1, p.138-150, 1995.

FIELD, A. **Descobrimdo a Estatística usando o SPSS**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FINCH, J. F. *et al.* Physical health, positive and negative affect, and personality: A longitudinal analysis. **Journal of Research in Personality**, v. 46, p. 537-545, 2012.

FIQUER, J. T. **Bem-estar subjetivo: influência de variáveis pessoais e situacionais em auto-relato de afetos positivos e negativos**. 2006. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 2006.

FONSECA, P. N.; CHAVES, S. S. S.; GOUVEIA, V. V. Professores do ensino fundamental e bem-estar subjetivo: Uma explicação baseada em valores. **Psico-USF**, v. 11, n. 1, p. 45-52, 2006.

FREDRICKSON, B. L. The Role of Positive Emotions in Positive Psychology: The Broaden-and-Build Theory of Positive Emotions. **American Psychological Association**, v.56, n.3, p. 218-226, 2001.

GALINHA, I. C. C.; PAIS-RIBEIRO, J. L. The Structure and Stability of Subjective Well-Being: A Structure Equation Modelling Analysis. **Applied Research Quality Life**, v. 3, p.293-314, 2008.

GIACOMONI, C. H. **Bem-estar Subjetivo Infantil: conceito de felicidade e construção de instrumentos para avaliação**. Tese de Doutorado não publicada. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, 2002.

_____. Bem-estar subjetivo: em busca da qualidade de vida. **Temas em Psicologia**, v. 12, n. 1, p. 43-50, 2004.

GLAESMER, H. *et al.* The German version of the Satisfaction with Life Scale (SWLS): Psychometric Properties, Validity, and Population-Based Norms. **European Journal of Psychological Assessment**, v. 27, n. 2, p. 127-132, 2011.

GOLDBERG, D. **The detection of psychiatric illness by questionnaire**. London: Oxford University Press. 1972.

GOMEZ, V. *et al.* The influence of personality and life events on subjective well-being from a life span perspective. **Journal of Research in Personality**, v. 43, p. 345-354, 2009.

GOUVEIA, V. V. *et al.* A Utilização do QSG-12 na População Geral: Estudo de sua validade de construto. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 19, n.3, p. 241-248, 2003.

GOUVEIA, V. V. *et al.* Valores humanos: Contribuições e perspectivas teóricas. In: TORRES, C.V.; NEIVA, E. R. (Orgs). **Psicologia Social: Principais Temas e Vertentes**. Porto Alegre: ARTMED, 2011.

- GOUVEIA, R. S. V. *et al.* Bem-estar afetivo entre profissionais de saúde. **Revista Bioética**, v. 17, n. 2, p. 267-280, 2009.
- GOUVEIA, V. V. *et al.* Life Satisfaction in Brazil: Testing the Psychometric Properties of the Satisfaction With Life Scale (SWLS) in Five Brazilian Samples. **Social Indicators Research**, v. 90, p. 2676277, 2009.
- GOUVEIA, V. V. *et al.* Escala de Vitalidade Subjetiva - EVS: evidências de sua adequação psicométrica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 28, n. 1, p. 5-13, 2012.
- GRAMZOW, R. H. *et al.* Patterns of Self-Regulation and the Big Five. **European Journal of Personality**, v. 18, p. 3676385, 2004.
- GREEN, D. P.; SALOVEY, P. In What Sense are Positive and Negative Affect Independent? A Reply to Tellegen, Watson, and Clark. **Psychological Science**, v. 10, n. 4, 1999.
- GUEDEA, M. T. D. *et al.* Relação do bem-estar subjetivo, estratégias de enfrentamento e apoio social em idosos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 19, n. 2, p. 301-308, 2006.
- GUTTMAN, L. Some necessary conditions for common factor analysis. **Psychometrika**, v.19, n.2, p.149-162, 1954.
- HAIR Jr., J. *et al.* **Análise Multivariada de Dados**. 6^a Ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.
- HASLAM, N; WHELAN, J.; BASTIAN, B. Big Five traits mediate associations between values and subjective well-being. **Personality and Individual Differences**, v. 46, p. 40642, 2009.
- HAYES, N.; JOSEPH, S. Big 5 correlates of three measures of subjective well-being. **Personality and Individual Differences**, v. 34, n. 4, p. 7236727, 2003.
- HAYTON, J., ALLEN, D., SCARPELLO, V. Factor retention decisions in exploratory factor analysis: A tutorial on parallel analysis. **Organizational Research Methods**, v. 7, n. 2, p.191-205, 2004.
- HORN, J. A rationale and test for the number of factors in factor analysis. **Psychometrika**, v.30, n.2, p. 179-185, 1965.
- HULTELL, D.; GUSTAVSSON, J. P. A psychometric evaluation of the Satisfaction with Life Scale in a Swedish nationwide sample of university students. **Personality and Individual Differences**, v. 44, p. 107061079, 2008.
- HUTZ, C. S.; GIACOMONI, C. H. **A mensuração do Bem-Estar Subjetivo: Escala de Afeto Positivo e Negativo e Escala de Satisfação de Vida**. *In: XXVI Congresso Interamericano de Psicologia*, 1997, São Paulo.
- ISAACOWITZ, D. M.; SMITH, J. Positive and Negative Affect in Very Old Age. **Journal of Gerontology: Psychological Sciences**, v. 58B, n. 3, p. 1436P152, 2003.

JOHN, O. P.; DONAHUE, E. M.; KENTLE, R. L. **The Big Five Inventory-Versions 4a and 54**. Berkeley, CA: University of California, Berkeley, Institute of Personality and Social Research, 1991.

KAISER, H. F. The application of electronic computers to factor analysis. **Educational and Psychological Measurement**, v.20, n.1, p. 141-151, 1960.

KAMMANN, R.; FLETT, R. Affectometer 2: A scale to measure current level of general happiness. **Australian Journal of Psychology**, v. 35, n.2, p. 259-265, 1983.

LAROS, J. A.; PUENTE-PALACIOS, K. E. Validação cruzada de uma escala de clima social. **Estudos de Psicologia (Natal)**, Rio Grande do Norte, v. 9, n. 1, p. 113-119, 2004.

LARSEN, R. J.; DIENER, E.; EMMONS, R. A. An evaluation of subjective well-being measures. **Social Indicators Research**, v. 17, p. 1-17, 1985.

LARSEN, R. J.; EID, M. **The Science of Subjective Well-Being**. Guilford Publications, New York, 2008.

LAWRENCE, R. H.; LIANG, J. Structural integration of the Affect Balance Scale and the Life Satisfaction Index A: Race, sex, and age differences. **Psychology and Aging**, v. 3, p. 375-384, 1988.

LIBRÁN, E.C. Personality Dimensions and Subjective Well-Being. **The Spanish Journal of Psychology**, v. 9, n. 1, p. 38-44, 2006.

LIBRÁN, E. C.; PIERA, P. J. F. Variables cognitivas y afectivas como predictoras de satisfacción en la vida. **Psicothema**, v. 20, n. 3, p. 408-412, 2008.

LIMA, F. L. A.; SALDANHA, A. A. W; OLIVEIRA, J. S. C. Bem-estar subjetivo em mães de crianças sorointerrogativas para o HIV/AIDS. **Psicologia em Revista**, v. 15, n. 1, p. 141-157, 2009.

LUCAS, R. E.; DIENER, E.; SUH, E. M. Discriminant validity of well-being measures. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 71, n. 3, p. 616-28, set. 1996.

LUCAS-CARRASCO, R.; SALVADOR-CARULLA, L. Life satisfaction in persons with intellectual disabilities. **Research in Developmental Disabilities**, v. 33, p.1103-1109, 2012.

LU, L. *et al.* Personal and environmental correlates of happiness. **Personality and Individual Differences**, v. 23, n. 3, p. 453-462, 1997.

LU, L; SHIH, J. B. Personality and happiness: Is mental health a mediator?. **Personality and Individual Differences**, v. 22, n. 2, p. 249-256, 1997.

MAROCO, J.; GARCIA-MARQUES, T.. Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas?. **Laboratório de Psicologia**, v. 4, n.1, p. 65-90, 2006.

- MARTÍNEZ, M. J. C. *et al.* Fiabilidade y validez de la Escala de Satisfacción con la Vida de Diener em uma muestra de mujeres embarazadas y puérperas. **Psicothema**, v. 16, n.3, p. 448-455, 2004.
- MATTA, A.; BIZARRO, L.; REPPOLD, C. T. Crenças irracionais, ajustamento psicológico e satisfação de vida em estudantes universitários. **Psico-USF**, v. 14, n. 1, p. 71-81, 2009.
- NETO, F. The Satisfaction with Life Scale: Psychometrics Properties in an adolescent sample. **Journal of Youth and Adolescence**, v. 22, n. 2, 1993.
- _____. Satisfaction with Life among adolescents from immigrant families in Portugal. **Journal of Youth and Adolescence**, v. 30, n. 1, 2001.
- NUNES, C. H. S.; HUTZ, C. S.; GIACOMONI, C. H. Associação entre bem estar subjetivo e personalidade no modelo dos cinco grandes fatores. **Avaliação Psicológica**, v. 8, n. 1, p. 15, 2009.
- NÚÑEZ, J.; MARTÍN-ALBO, J.; DOMÍNGUEZ, E. Propiedades psicométricas de la escala de satisfacción con la vida en sujetos practicantes de actividad física. **Revista de Psicología del Deporte**, v. 19, n. 2, p. 291-304, 2010.
- OISHI, S. *et al.* Cross-cultural variations in predictors of life satisfaction: perspectives from needs and values. **Personality and Social Psychology Bulletin**, v. 25, n. 8, p. 980-990, 1999.
- OISHI, S. The concept of life satisfaction across cultures: An IRT analysis. **Journal of Research in Personality**, v. 40, n. 4, p. 411-423, ago., 2006.
- OLIVEIRA, G. F. *et al.* Satisfação com a vida entre profissionais da saúde: correlatos demográficos e laborais. **Revista Bioética**, v. 17, n. 2, p. 319 - 334, 2009.
- PALUDO, S. S.; KOLLER, S. H. Psicologia positiva: uma nova abordagem para antigas questões. **Paidéia**, v. 17, n. 36, p. 9-20, 2007.
- PANACCIO, A.; VANDENBERGHE, C. Five-factor model of personality and organizational commitment: The mediating role of positive and negative affective states. **Journal of Vocational Behavior**, v. 80, p. 647-658, 2012.
- PASQUALI, L. *et al.* Questionário de saúde geral de Goldberg (QSG): Adaptação brasileira. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 10, n. 3, p. 421-437, 1994.
- PASQUALI, L. (Org.). **Instrumentação psicológica: Fundamentos e práticas**. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- PASSARELI, P. M.; SILVA, J. A. DA. Psicologia positiva e o estudo do bem-estar subjetivo. **Estudos de Psicologia**, v. 24, n. 4, p. 513-518, 2007.
- PAULA JÚNIOR, W. DE P.; ZANINI, D. S. Estratégias de coping de pacientes oncológicos em tratamento radioterápico. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 27, n. 4, p. 491-497, 2011.

PAVOT, W. *et al.* Further validation of the Satisfaction With Life Scale: Evidence for the cross-method convergence of well-being measures. **Journal of Personality Assessment**, v. 57, n. 1, p. 149-161, 1991.

PAVOT, W.; DIENER, E. Review of the Satisfaction With Life Scale. **Psychological Assessment**, v. 5, n. 2, p. 164-172, 1993.

PEIRÓ, A. Happiness, satisfaction and sócio-economic conditions: Some international evidence. **Journal of Socio-Economics**, v. 35, n.2, p. 348-365, 2006.

PINQUART, M.; SORENSEN, S. Influences of Socioeconomic Status, Social Network, and Competence on Subjective Well-Being in Later Life: A Meta-Analysis. **Psychology and Aging**, v.15, n.2, p. 187-224, 2009.

POTTER, P. T.; ZAUTRA, A. J.; REICH, J. W. Stressful events and information processing dispositions moderate the relationship between positive and negative affect: implications for pain patients. **The Society of Behavioral Medicine**, 2000.

QUEVEDO, R. J. M; ABELLA, M. C. Well-being and personality: Facet-level analyses. **Personality and Individual Differences**, v. 50, p. 2066211, 2011.

REIS, H. T. *et al.* Daily Well-Being: The Role of Autonomy, Competence, and Relatedness. **Personality and Social Psychology Bulletin**, 2000.

REISE, S.; WALLER, N.; COMREY, A. Factor analysis and scale revision. **Psychological Assessment**, v. 12, n.3, p.287-297, 2000.

RESENDE, M. C. de; GOUVEIA, V. V. Qualidade de Vida em Adultos com Deficiência Física. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 24, n.1, p.99-106, 2011.

RUSSELL, J. A.; CARROLL, J. M. On the Bipolarity of Positive and Negative Affect. **Psychological Bulletin**, v.125, n.1, p. 3-30, 1999.

RYAN, R. M.; DECI, E. L. On happiness and human potentials: a review of research on hedonic and eudaimonic well-being. **Annual Review of Psychology**, v. 52, p. 141-166, 2001.

RYAN, R. M.; FREDERICK, C. On energy, personality, and health: subjective vitality as a dynamic reflection of well-being. **Journal of Personality**, v. 65, n. 3, p. 529-65, set., 1997.

SAM, D. L. Satisfaction with life among international students: An exploratory study. **Social Indicators Research**, v.53, p. 3156337, 2001.

SCHIMMACK, U. *et al.* Personality and Life Satisfaction: A Facet-Level Analysis. **Personality and Social Psychology Bulletin**, v. 30, 2004.

SCHIMMACK, U; SCHUPP, J.; WAGNER, G. G. The influence of environment and personality on the affective and cognitive component of subjective well-being. **Social Indicators Research**, v. 89, p. 41660, 2008.

- SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. DOS. Avaliação do bem-estar subjetivo (BES): aspectos conceituais e metodológicos. **Interamerican Journal of Psychology**, v. 44, n. 3, p. 442-448, 2010.
- SELIGMAN, M. E. P.; CSIKSZENTMIHALYI, M. Positive psychology: an introduction. **American Psychologist**, v. 55, n. 1, p. 5-14, 2000.
- SHEVLIN, M.; BRUNSDEN, V.; MILES, J. N. V. Satisfaction With Life Scale: analysis of factorial invariance, mean structures and reliability. **Personality and Individual Differences**, v. 25, p. 911-916, 1998.
- SILVA, E. N. **Coping e dimensões afetivas do bem-estar subjetivo: um estudo com trabalhadores da educação**. 2009. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Goiás. Departamento de Psicologia. Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, 2009.
- SIMÕES, C; MATOS, M. G.; BATISTA-FOGUET, J. Consumo de substâncias na adolescência: Um modelo explicativo. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 7, n. 2, p. 147-164, 2006.
- SIQUEIRA, M. M. M.; MARTINS, M. C. F.; MOURA, O. I. Construção e validação fatorial da EAPN: Escala de Ânimo Positivo e Negativo. **Revista da Sociedade de Psicologia do Triângulo Mineiro**, v. 2, n. 3, p. 34-40, 1999.
- SIQUEIRA, M. M. M.; PADOVAM, V. A. R. Bases Teóricas de Bem-Estar Subjetivo, Bem-Estar Psicológico e Bem-Estar no Trabalho. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 24 n. 2, p. 201-209, 2008.
- SMITH, T. W.; CHRISTENSEN, A. J. Positive and negative affect in rheumatoid arthritis: increased specificity in the assessment of emotional adjustment. **Empirical Research**, 1996
- SPAGNOLI, P.; CAETANO, C.; SILVA, A. Psychometric Properties of a Portuguese Version of the Subjective Happiness Scale. **Social Indicators Research**, v. 105, p. 1376143, 2012.
- STAUDINGER, U. M.; FLEESON, W.; BALTES, P. B. Predictors of subjective physical health and global well-being: similarities and differences between the United States and Germany. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 76, n. 2, p. 305-319, 1999.
- STEEL, P.; SCHMIDT, J.; SHULTZ, J. Refining the relationship between personality and subjective well-being. **Psychological Bulletin**, v. 134, n.1, p. 138-161, 2008.
- STEGER, M. F.; KASHDAN, T. B. Stability and Specificity of meaning in life and life satisfaction over one year. **Journal of Happiness Studies**, v. 8, p. 1616179, 2007.
- STEWARTAT, M. E.; EBMEIER, K. P.; DEARY, I. J. Personality correlates of happiness and sadness: EPQ-R and TPQ compared. **Personality and Individual Differences**, v. 38, p. 108561096, 2005.

SWAMI, V.; CHAMORRO-PREMUZIC, T. Psychometric Evaluation of the Malay Satisfaction With Life Scale. **Social Indicators Research**, v. 92, p.25633, 2009.

TABACHNICK, B. FIDELL, L. **Using multivariate statistics**. Nova York: Allyn & Bacon, 2007.

TAYLOR, J.E. *et al.* Psychometric characteristics of the General Well-Being Schedule (GWB) with AfricanóAmerican women. **Quality of Life Research**, v. 12, p. 31639, 2003.

THOMAS, D. L.; DIENER, E. Memory Accuracy in the Recall of Emotions. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 59, n. 2, p. 291-297, 1990.

TUCKER, K. L. *et al.* Testing for measurement invariance in the satisfaction with life scale: a comparison of Russians and North Americans. **Social Indicators Research**, v. 78, p. 3416 360, 2006.

VAN HEMERT, D. A.; VAN DE VIJVER, F. J.R.; POORTINGA, Y. H. The Beck Depression Inventory as a measure of subjective well-being: A cross-national study. **Journal of Happiness Studies**, v. 3, p. 2576286, 2002.

VELICER, W. Determining the number of components from the matrix of partial correlations. **Psychometrika**, v. 41, n.3, p. 321-327, 1976.

VITTERSØ, J.; BISWAS-DIENER, R.; DIENER, E. The divergent meanings of life satisfaction: Item response modeling of the Satisfaction with Life Scale in Greenland and Norway. **Social Indicators Research**, v. 74, p. 3276348, 2005.

WATSON, D.; CLARK, L. A.; TELLEGEN, A. Development and validation of brief measures of positive and negative affect: the PANAS scales. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 54, n. 6, p. 1063-1070, 1988.

WEISS, A.; BATES, T. C.; LUCIANO, M. Happiness is a personal(ity) thing: The genetics of personality and well-being in a representative sample. **Psychological Science**, v. 19, 2008.

WU, CHIA-HUEI.; YAO, G. Analysis of factorial invariance across gender in the Taiwan version of the Satisfaction with Life Scale. **Personality and Individual Differences**, v. 40, p. 125961268, 2006.

ZANON, C.; HUTZ, C. S. Relações entre bem-estar subjetivo, neuroticismo, ruminação, reflexão e sexo. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 2, n. 2, p. 118-127, 2010.

ANEXOS

ANEXO I- ESCALA DE AFETOS POSITIVOS E NEGATIVOS

INSTRUÇÕES. A seguir você encontrará uma lista com dez **estados emocionais**. Para cada uma delas, pedimos-lhe que **indique o quanto você o tem experimentado *ultimamente***. Faça isso escrevendo um número no espaço ao lado de cada emoção / adjetivo, segundo a escala de resposta abaixo, de acordo com a sua opinião. Por favor, seja o mais sincero e honesto possível nas suas respostas.

1	2	3	4	5	6	7
Nada	Muito Pouco	Pouco	Mais ou menos	Bastante	Muito	Extremamente

01. _____ Feliz
02. _____ Deprimido
03. _____ Satisfeito
04. _____ Frustrado
05. _____ Raivoso
06. _____ Divertido
07. _____ Preocupado
08. _____ Otimista
09. _____ Infeliz
10. _____ Alegre

ANEXO II- ESCALA DE SATISFAÇÃO COM A VIDA

INSTRUÇÕES. Agora, você encontrará cinco afirmações com as quais pode ou não concordar. Usando a escala de resposta a seguir, que vai de **1** a **7**, indique o quanto concorda ou discorda com cada uma; escreva um número no espaço ao lado da afirmação, segundo sua opinião. Por favor, seja o mais sincero e honesto possível nas suas respostas.

- 7 = Concordo Totalmente**
- 6 = Concordo**
- 5 = Concordo Ligeiramente**
- 4 = Nem Concordo Nem Discordo**
- 3 = Discordo Ligeiramente**
- 2 = Discordo**
- 1 = Discordo Totalmente**

01. _____ Na maioria dos aspectos, minha vida é próxima ao meu ideal.
02. _____ As condições da minha vida são excelentes.
03. _____ Estou satisfeito (a) com minha vida.
04. _____ Dentro do possível, tenho conseguido as coisas importantes que quero na vida.
05. _____ Se pudesse viver uma segunda vez, não mudaria quase nada na minha vida.

ANEXO III- QUESTIONÁRIO DE SAÚDE GERAL DE GOLDBERG - QSG-12

INSTRUÇÕES. Agora, gostaríamos de saber se você tem tido algumas enfermidades ou transtornos e como tem estado sua saúde nas últimas semanas. Por favor, marque simplesmente com um X na resposta que, a seu ver, corresponde mais com o que você sente ou tem sentido. Lembre que queremos conhecer os problemas recentes e atuais, não os que você tenha tido no passado. É importante que você responda a todas as perguntas.

1 ó Tem podido concentrar-se bem no que faz?

- (1) Mais do que o de costume (3) Menos que o de costume
(2) Igual ao de costume (4) Muito menos que o de costume

2 ó Suas preocupações lhe têm feito perder muito sono?

- (1) Absolutamente, não (3) Um pouco mais do que o costume
(2) Não mais que o de costume (4) Muito mais que o costume

3 ó Tem sentido que tem um papel útil na vida?

- (1) Mais útil que o de costume (3) Menos útil que o de costume
(2) Igual ao de costume (4) Muito menos útil que o de costume

4 ó Tem se sentido capaz de tomar decisões?

- (1) Mais que o de costume (3) Menos que o de costume
(2) Igual ao de costume (4) Muito menos capaz que o de costume

5 ó Tem notado que está constantemente agoniado (a) e tenso (a)?

- (1) Absolutamente, não (3) Um pouco mais do que o costume
(2) Não mais que o de costume (4) Muito mais que o de costume

6 ó Tem tido a sensação de que não pode superar suas dificuldades?

- (1) Absolutamente, não (3) Um pouco mais do que o de costume
(2) Não mais que o de costume (4) Muito mais que o de costume

7 ó Tem sido capaz de desfrutar suas atividades normais de cada dia?

- (1) Mais que o de costume (3) Menos que de costume
(2) Igual ao de costume (4) Muito menos capaz que de costume

8 ó Tem sido capaz de enfrentar adequadamente os seus problemas?

- (1) Mais que o de costume (3) Menos que o de costume
(2) Igual ao de costume (4) Muito menos capaz que o de costume

9 ó Tem se sentido pouco feliz e deprimido (a)?

- (1) Absolutamente, não (3) Um pouco mais que o costume
(2) Não mais que o de costume (4) Muito mais que o de costume

10 ó Tem perdido confiança em si mesmo?

- (1) Absolutamente, não (3) Um pouco mais do que o costume
(2) Não mais que o de costume (4) Muito mais que o de costume

ANEXO IV- ESCALA DE VITALIDADE

INSTRUÇÕES. Por favor, leia as afirmações que se seguem. Considerando como se sente atualmente, pedimos-lhe que indique em que medida cada uma delas é verdadeira no seu caso. Faça isso anotando um número no espaço que antecede cada afirmação, segundo a escala de resposta a seguir.

1	2	3	4	5	6	7
Nada Verdadeiro			Mais ou Menos Verdadeiro			Totalmente Verdadeiro

1. ____ Sinto-me vivo e cheio de vitalidade.
2. ____ Não me sinto muito disposto.
3. ____ Algumas vezes me sinto tão vivo a ponto de transbordar.
4. ____ Tenho energia e disposição.
5. ____ Desejo viver cada novo dia.
6. ____ Quase sempre me sinto disposto e ativo.
7. ____ Sinto-me vitalizado.

ANEXO V- INVENTÁRIO DOS CINCO GRANDES FATORES DE PERSONALIDADE

INSTRUÇÕES. A seguir encontram-se algumas características que podem ou não lhe dizer respeito. Por favor, escolha um dos números na escala abaixo que melhor expresse sua opinião em relação a você mesmo e anote no espaço ao lado de cada afirmação. Vale ressaltar que não existem respostas certas ou erradas.

1	2	3	4	5
Discordo Totalmente	Discordo	Nem Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente

Eu me vejo como alguém que...

01. ___ É conversador, comunicativo.
02. ___ É minucioso, detalhista no trabalho, no que faz.
03. ___ Insiste até concluir a tarefa ou o trabalho.
04. ___ Gosta de cooperar com os outros.
05. ___ É original, tem sempre novas ideias.
06. ___ É temperamental, muda de humor facilmente.
07. ___ É inventivo, criativo.
08. ___ É prestativo e ajuda os outros.
09. ___ É amável, tem consideração pelos outros.
10. ___ Faz as coisas com eficiência.
11. ___ É sociável, extrovertido.
12. ___ É cheio de energia.
13. ___ É um trabalhador de confiança.
14. ___ Tem uma imaginação fértil.
15. ___ Fica tenso com frequência.
16. ___ Fica nervoso facilmente.
17. ___ Gera muito entusiasmo.
18. ___ Gosta de refletir, brincar com as ideias.
19. ___ Tem capacidade de perdoar, perdoa fácil.
20. ___ Preocupa-se muito com tudo.

ANEXO VI - CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

1. Idade: _____ anos 2. Sexo: Masculino Feminino
3. Qual o seu estado civil?
- Solteiro (a) Casado (a) Convivente
- Viúvo (a) Divorciado (a)
- Outro: _____
4. Qual o seu grau de instrução?
- Fundamental incompleto
- Fundamental completo
- Médio incompleto
- Médio completo
- Superior incompleto **Qual o Curso?** _____
- Superior completo **Qual o curso?** _____
5. Qual a sua religião?
- Católica Evangélica Espírita Nenhuma
- Outra: _____
6. Você frequenta/faz alguma grupo/atividade (yoga, psicoterapia, etc.) com o objetivo de cuidar de sua saúde mental? Sim Não
7. Em que bairro você reside? _____
8. Sua moradia é: Própria Alugada Emprestada
9. Em comparação com as pessoas do seu país, você diria que sua família é da (circule):
- | | | | | | | | | | |
|-----------------------|---|---|---------------------|---|---|---|--------------------|---|----|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 |
| Classe humilde | | | Classe média | | | | Classe alta | | |
10. Atualmente você:
- Trabalha Estuda Está Desempregado Está Aposentado
11. Data de Nascimento: ____/____/____.



ANEXO VII ó Termo de Consentimento Livre Esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

PESQUISA: AVALIANDO BEM ESTAR SUBJETIVO.

Coordenador: Walberto S. Santos

Prezado (a) colaborador (a),

Você é convidado (a) a participar desta pesquisa, que tem como finalidade conhecer possíveis fatores contribuintes para a explicação de comportamentos sociais.

1. PARTICIPANTES DA PESQUISA: População geral da cidade de Fortaleza, com idade igual ou superior a 18 anos, de ambos os sexos. Participarão da pesquisa somente os voluntários que, convidados a colaborar, concordem.

2. ENVOLVIMENTO NA PESQUISA: Ao participar deste estudo você deve responder a um livreto composto por seis partes, envolvendo questionários com itens objetivos sobre aspectos gerais da personalidade e questões de caráter sócio demográfico. **Lembramos que você tem a liberdade de se recusar a participar e pode ainda deixar de responder em qualquer momento da pesquisa, sem nenhum prejuízo. Além disso, ainda tem o direito de ficar com uma das vias do termo de consentimento.** Sempre que quiser você poderá pedir mais informações sobre a pesquisa. Para isso, poderá entrar em contato com o coordenador da pesquisa.

3. RISCOS E DESCONFORTOS: A participação nesta pesquisa não traz complicações, talvez, apenas, algum constrangimento que algumas pessoas sentem quando estão fornecendo informações sobre si mesmas. Os procedimentos utilizados nesta pesquisa seguem as normas estabelecidas pela Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, e não oferecem risco a sua integridade física, psíquica e moral. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos a sua dignidade.

4. CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA: Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Apenas os membros do grupo de pesquisa terão conhecimento das respostas, seu nome não será mencionado em nenhum momento. Todos os dados serão analisados em conjunto, garantindo o caráter anônimo das informações. Os resultados poderão ser utilizados em eventos e publicações científicas.

5. BENEFÍCIOS: Ao participar desta pesquisa você não deverá ter nenhum benefício direto. Entretanto, espera-se que a mesma nos forneça dados importantes acerca de fatores contribuintes para a explicação de comportamentos sociais.



6. PAGAMENTO: Você não terá nenhum tipo de despesa por participar desta pesquisa. E nada será pago por sua participação. Entretanto, se você desejar, poderá ter acesso a cópias dos relatórios da pesquisa contendo os resultados do estudo. Para tanto, entre em contato com o pesquisador responsável no endereço abaixo.

Endereço do responsável pela pesquisa:

Nome: Prof. Dr. Walberto Silva Santos

Instituição: Universidade Federal do Ceará ó Depto. de Psicologia

Endereço: Av. da Universidade 2762 ó Benfica ó Fortaleza - CE

Telefones p/contato: 33667723 ou 33667728

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará

Rua Coronel Nunes de Melo, 1127 Rodolfo Teófilo

Telefone: 3366.8344

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO COMO SUJEITO

Tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implica, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Nome do participante: _____

Nome do membro da equipe de pesquisa: _____

Local e Data: _____

Assinatura do participante: _____

Assinatura do membro da equipe de pesquisa: _____

Prof. Walberto Silva Santos

Coordenador do Projeto

ANEXO VIII ó Termo de Consentimento Livre Esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

**CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

PESQUISA: AVALIANDO BEM ESTAR SUBJETIVO.

Coordenador: Walberto S. Santos

Prezado (a) colaborador (a),

Você é convidado (a) a participar desta pesquisa, que tem como finalidade conhecer possíveis fatores contribuintes para a explicação de comportamentos sociais.

2. PARTICIPANTES DA PESQUISA: Estudantes de cursos de línguas estrangeiras, da cidade de Fortaleza, com idade igual ou superior a 18 anos, de ambos os sexos. Participarão da pesquisa somente os voluntários que, convidados a colaborar, concordem.

2. ENVOLVIMENTO NA PESQUISA: Ao participar deste estudo você deve responder a um livreto composto por seis partes, envolvendo questionários com itens objetivos sobre aspectos gerais da personalidade e questões de caráter sócio demográfico. **Lembramos que você tem a liberdade de se recusar a participar e pode ainda deixar de responder em qualquer momento da pesquisa, sem nenhum prejuízo. Além disso, ainda tem o direito de ficar com uma das vias do termo de consentimento.** Sempre que quiser você poderá pedir mais informações sobre a pesquisa. Para isso, poderá entrar em contato com o coordenador da pesquisa.

3. RISCOS E DESCONFORTOS: A participação nesta pesquisa não traz complicações, talvez, apenas, algum constrangimento que algumas pessoas sentem quando estão fornecendo informações sobre si mesmas. Os procedimentos utilizados nesta pesquisa seguem as normas estabelecidas pela Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, e não oferecem risco a sua integridade física, psíquica e moral. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos a sua dignidade.

4. CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA: Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Apenas os membros do grupo de pesquisa terão conhecimento das respostas, seu nome não será mencionado em nenhum momento. Todos os dados serão analisados em conjunto, garantindo o caráter anônimo das informações. Os resultados poderão ser utilizados em eventos e publicações científicas.

5. BENEFÍCIOS: Ao participar desta pesquisa você não deverá ter nenhum benefício direto. Entretanto, espera-se que a mesma nos forneça dados importantes acerca de fatores contribuintes para a explicação de comportamentos sociais.

6. PAGAMENTO: Você não terá nenhum tipo de despesa por participar desta pesquisa. E nada será pago por sua participação. Entretanto, se você desejar, poderá ter acesso

a cópias dos relatórios da pesquisa contendo os resultados do estudo. Para tanto, entre em contato com o pesquisador responsável no endereço abaixo.

Endereço do responsável pela pesquisa:
Nome: Prof. Dr. Walberto Silva Santos
Instituição: Universidade Federal do Ceará ó Depto. de Psicologia
Endereço: Av. da Universidade 2762 ó Benfica ó Fortaleza - CE
Telefones p/contato: 33667723 ou 33667728

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:
Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará
Rua Coronel Nunes de Melo, 1127 Rodolfo Teófilo
Telefone: 3366.8344

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO COMO SUJEITO

Tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implica, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Nome do participante: _____

Nome do membro da equipe de pesquisa: _____

Local e Data: _____

Assinatura do participante: _____

Assinatura do membro da equipe de pesquisa: _____

Prof. Walberto Silva Santos

Coordenador do Projeto